



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

WAGNER ALEX ALEXANDRINO SILVA

**O DISCURSO RELIGIOSO: OS ECOS DIALÓGICOS NA FALA DO
PERSONAGEM MENOCCHIO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

WAGNER ALEX ALEXANDRINO SILVA

**O DISCURSO RELIGIOSO: OS ECOS DIALÓGICOS NA FALA DO
PERSONAGEM MENOCCHIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Alfredina Rosa Oliveira do Vale.

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Wagner Alex Alexandrino.
O discurso religioso [manuscrito] : os ecos dialógicos na fala do personagem Menocchio / Wagner Alex Alexandrino Silva. - 2018.
60 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Dialogismo. 2. Vozes sociais. 3. Discurso religioso. 4. Micro-história. I. Título

21. ed. CDD 401.41


WAGNER ALEX ALEXANDRINO SILVA

O DISCURSO RELIGIOSO: OS ECOS DIALÓGICOS NA FALA DO PERSONAGEM
MENOCCHIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à coordenação do Curso de
Letras – Língua Portuguesa – da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Monografia aprovada em: 27/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



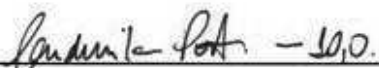
10,0

Prof. Drª. Alfredina Rosa Oliveira do Vale (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



10,0

Prof. Drª. Symone Nayara Calixto Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



10,0

Prof. Drª. Ludmila Mota de Figueiredo Porto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 10,0

Campina Grande - PB
2018

À minha mãe, pela mulher guerreira e determinada que, apesar das dificuldades, soube criar seus filhos com dedicação e bons exemplos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, e a sabedoria necessária para tomar as melhores decisões.

Aos meus pais, Manoel Xavier e Lourdes Alexandrino pelo carinho e comprometimento para comigo, e pelo incentivo aos estudos.

À minha esposa Taiza da Cunha Soares, pelo companheirismo, carinho, e por estar ao meu lado em todos os momentos que precisei, sempre com sábias palavras.

À minha orientadora professora Dr^a. Alfredina Rosa Oliveira do Vale que, de forma muito solícita, aceitou de pronto o convite para estar ao meu lado na produção desse trabalho, e aos demais componentes da banca, a professora Dr^a. Symone Nayara Calixto Bezerra e a professora Dr^a. Ludmila Mota de Figueiredo Porto, pela disponibilidade e valiosas contribuições.

Aos meus colegas e amigos que de forma direta ou indireta contribuíram para a minha formação, em especial Cristiano Amâncio, Delma Delmira, Isabel Lis, Josicleide Nascimento, Luciana Costa e Simone Araújo. Genilson Medeiros e Hermeson Noberto, pela superação e dedicação aos estudos.

RESUMO

O presente trabalho compõe-se da análise das falas do personagem Menocchio, na obra *O queijo e os vermes*, do historiador Carlo Ginzburg (2006), à luz de um dos conceitos bakhtiniano, o dialogismo. O objetivo geral desse trabalho é verificar a influência que as vozes sociais tiveram para constituir o discurso religioso e heterodoxo do personagem Menocchio, levando, tal personagem, a confrontar as ideias ortodoxa da Igreja Católica. Os objetivos específicos são: (1) Entender, a luz do dialogismo, as “polêmicas clara” e “velada” na voz do personagem Menocchio; (2) discutir como a cultura popular (final só século XVI) pôde contribuir para a construção do discurso do personagem. Para tanto, o método utilizado fundamenta-se na revisão bibliográfica sobre dialogismo, no recorte das falas do personagem principal, fazendo uma análise dialógica de fatos analisados na obra. Procuramos entender como a micro-história ajuda a analisar fatos que passam despercebidos na História e como as vozes sócias perpassam no discurso do personagem principal. De que maneira o discurso religioso de Menocchio, na obra “O queijo e os vermes”, foi se constituindo em oposição ao discurso ortodoxo da Igreja? Esta foi a questão norteadora da nossa pesquisa, uma vez que defendemos que o contato com pessoas mais instruídas e com os livros, possibilitou, ao personagem Menocchio, a construção do seu discurso religioso em oposição ao discurso da Igreja Católica. Para tanto, utilizamos, em especial, autores como Fiorin (2017), Bakhtin (2006), Brait (1994), Burke (2010) e Ginzburg (2006).

Palavras-chave: Dialogismo. Vozes sociais. Discurso religioso. Micro-história.

ABSTRACT

The present work consists of the analysis from character Menocchio, focusing on "The cheese and the worms" work, of the historian Carlo Ginzburg (2006), in the perspective of one of the Bakhtinian concepts, the dialogism. The general objective is to verify the influence that the social voices had to constitute Menocchio's religious and heterodox discourse, which lead the character to confront the orthodox ideas of the Catholic Church. The specific objectives are: a) To understand the "clear polemics" and "veiled" in the voice of the character Menocchio, based on dialogism, and b) to discuss how popular culture (late 16th century) could contribute to the construction of the character's discourse. For this, the method used is based on the bibliographical revision on dialogismo, and in speech cutting of the main character, providing a dialogical analysis of facts studied in the work. In the study, we will try understand how microhistory helps to analyze facts that go unnoticed in History and how social voices permeate the discourse of the main character. We also try to find how was performed the Menocchio's religious discourse in "The Cheese and the worms" in opposition to the orthodox discourse of the Church. This was guiding question of the research, taking in account that the contact with more educated people and with the books, enabled the character to construct his religious discourse in opposition to the discourse of the Catholic Church. The works of Fiorin (2017), Bakhtin (2006), Brait (1994), Burke (2010) and Ginzburg (2006).

Keywords: Dialogism. Social voices. Religious discourse. Microhistory.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. A obra “O queijo e os vermes”	13
1.1 Micro-história.....	15
1.2 Cultura popular.....	18
1.3 Vozes sociais	24
2. Menocchio: a construção de um discurso heterodoxo	29
2.1 O discurso ortodoxo da Igreja Católica.....	30
2.2 O discurso heterodoxo do personagem Menocchio.....	37
2.3 Dialogismo: os ecos dialógicos na fala de Menocchio	43
Considerações Finais	55
Referências Bibliográficas	57

Introdução

No diálogo, a nossa relação com o Outro (textos, pinturas, pessoas) é indispensável para que tenhamos uma atitude responsiva, ou seja, que nós construamos nosso discurso. Sempre que falamos, construímos e reconstruímos discursos e nos posicionamos. Para isso, depende, inevitavelmente, dessa condição dialógica, em nós, sujeitos históricos. Portanto, tratar da influência de outras vozes para construção do nosso discurso nos remete a um conceito, trabalhado por Mikhail Bakhtin: dialogismo. Nesse sentido, caracterizasse o dialogismo como: a influência de outras vozes que perpassam nossas falas, são vozes alheias que, ao longo do tempo, constituem e consolidam nosso discurso.

O dialogismo traz consigo alguns elementos que são perceptíveis quando se tem uma relação dialógica. Através desse método - Análise Dialógica do Discurso - verificam-se categorias de análises aos quais somos submetidos quando falamos: atitude responsiva, o dito no não dito, a parcialidade quando nos posicionamos (não há discurso neutro), sempre existe uma intenção na nossa fala, a importância do Outro no nosso discurso e as outras vozes que perpassam em nossa fala. Portanto, tais elementos – as categorias de análises – que advém do dialogismo reforçam sua importância na constituição de um discurso, seja religioso, político, filosófico, científico, etc.

Analisando a obra do historiador Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes* (2006), percebemos que, o dialogismo se faz fortemente presente na fala do personagem principal desta obra. Percebemos, estudando o dialogismo, que na voz de Menocchio outras vozes poderiam ser identificadas. Surge, então, uma inquietação: De que forma o discurso religioso e heterodoxo de Menocchio, na obra “O queijo e os vermes”, foi se constituindo em oposição ao discurso ortodoxo da Igreja?

A metodologia usada para a produção desse trabalho centrou-se na revisão bibliográfica com base em autores como Bakhtin (2006), Brait (1994), Burke (2010), Fiorin (2017) e Ginzburg (2006) autores que discutem o conceito sobre dialogismo, vozes sociais, cultura popular e micro-história. Fizemos recortes da fala do personagem Menocchio, os dados selecionados foram analisados à luz do dialogismo. É uma pesquisa, portanto, qualitativa, centrado no caráter subjetivo da fala do personagem e fatos outros analisados.

Podemos observar na obra, “O queijo e os vermes”, aspectos da micro-história, da cultura popular e do discurso religioso inflamado, do seu personagem Menocchio. Identificamos que há uma forte relação dialógica, uma superposição de vozes, materializadas na fala do personagem principal; razão porque, a escolha da obra justifica-se por entender que as vozes sociais perpassam constantemente nos nossos discursos, e que o discurso religioso, do personagem Menocchio, reflete, portanto, o caráter diálogo da linguagem. Nesse sentido, o trabalho pode contribuir para o entendimento de que, a relação dialógica propicia mudanças no nosso discurso em face as constantes relações ocorridas na escrita e na fala. Acreditamos, na relevância do trabalho pelo fato de haver poucos trabalhos na área que abordam a obra em questão numa perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. Quando se fala em Ginzburg ou na obra, os trabalhos acadêmicos, em sua maioria, são voltados para temas relacionados à História. Assim, procuramos estudar a obra na perspectiva discursiva, ressaltando, também, cultura popular, vozes sociais e micro-história.

O discurso de Menocchio, personagem central da obra, exemplifica de maneira bastante eficaz como o personagem aos poucos vai moldando e adaptando suas ideias e seu discurso a partir do contato que tem com os livros, cultura, e pessoas, nesse sentido, o trabalho baseia-se na hipótese de que o contato com pessoas mais instruídas e, em especial, com os livros, alguns proibidos pela Igreja Católica, possibilitou, ao personagem Menocchio, a construção do seu discurso religioso em oposição ao discurso da Igreja Católica.

A narrativa é ambientada no século XVI, e o aspecto religioso está em efervescência na Europa. A Igreja católica sofre grande abalo com a reforma protestante, e em meio a essa onda as pessoas, entre elas Menocchio, se revoltam contra as doutrinas e ideias da Igreja católica. A história narrada em detalhes, só foi possível de conhecermos pelo método usado por Ginzburg, a micro-história. Esta corrente historiográfica visa analisar a História a partir de seus pormenores, ressaltando a importância de atores anônimos e que contribui de maneira significativa para o entendimento de um todo, e que foi desenvolvida e usada por Ginzburg, para relatar o processo inquisitorial de Menocchio, o que possibilitou, para nós, uma análise, através da fala do personagem, à luz do dialogismo.

Influenciado pela cultura local e pelos livros que tivera acesso, as falas de Menocchio ecoaram fortemente contra a ortodoxia católica. Nesse sentido, as vozes sociais cumpre um papel importante na construção da fala do sujeito. No discurso, o

sujeito que fala traz consigo ideias que já foram socialmente construídas. Logo, quando alguém fala não há originalidade, porém, de uma forma ou de outra, existe uma replicação daquilo de já fora dito por alguém em algum momento. “As vozes sociais são concepções de mundo, opiniões concretas, perspectivas socioideológicas, pontos de vista, visões de mundo” Melo (2017, p. 37), que Menocchio incorporou ao longo de sua vida e as ecoou contra uma das instituições mais poderosa que existia na Europa do século XVI, a Igreja.

Assim sendo, nosso objetivo geral se dá em verificar a influência das vozes sociais (relação dialógica) no discurso religioso do personagem Menocchio, levando, tal personagem, a confrontar as ideias ortodoxa da Igreja Católica. Em consequência, temos os objetivos específicos: (1) entender, a luz do dialogismo, as “polêmicas clara” e “velada” na voz do personagem Menocchio; (2) discutir como a cultura popular (final do século XVI) pôde contribuir para a construção do discurso do personagem.

A cultura de um povo pode influenciar as pessoas seja na forma de se vestir, falar, na maneira como exteriorizam sua fé, nos costumes, na família, entre outros aspectos que moldam a vida de um sujeito. Ademais, a obra, ora trabalhada, nos presenteia com detalhes riquíssimos da vida do personagem, do ambiente que vivia, das leituras e características dos livros que pôde ter acesso, das suas falas e embates com os inquisidores, tanto no primeiro quanto no segundo processo, o qual respondera por ser considerado um herege. Um homem de um pensamento singular, simples e um leitor voraz, surpreendeu a todos com pensamentos e atitudes perante a autoridade religiosa, o que fez do moleiro “um herói, ou mártir da palavra” (GINZBURG, 2006, p. 193).

Este trabalho é dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a obra de Carlo Ginzburg (2006), como também, discute-se o conceito de micro-história e sua relevância, como método de análise, para podermos conhecer os pormenores da vida de Menocchio. O conceito de cultura popular é apresentado e discutido como influência na construção do discurso menocchiano. Discutimos, também, as vozes sociais, importante elemento no processo dialógico. Imbuído dessas vozes, Menocchio confronta a Igreja, ecoando em seu discurso vozes alheias.

No segundo capítulo, mostramos como o personagem principal da obra foi construindo seu discurso heterodoxo em oposição à ortodoxia católica. Para tanto, debatemos em que se sustenta o discurso ortodoxo da Igreja, ressaltado a tríade que constitui a fé católica. A última parte do trabalho reforça a Análise Dialógica do

Discurso com trechos da fala personagem, mostrando os ecos dialógicos no discurso menocchiano. Além dos autores citados em outro momento, utilizamos artigos, dissertações, tese e outros trabalhos voltados para o dialogismo.

1. A obra “O queijo e os vermes”

Uma das mais belas obras escrita pelo historiador Carlo Ginzburg, “O queijo e os vermes”, o fez ter uma projeção ainda maior tanto entre seus pares quanto no meio acadêmico, cativando, assim, leitores que são apaixonados por uma boa narrativa. A obra “O queijo e os vermes”, retrata bem a metodologia usada pela micro-história, da qual Ginzburg é considerado o “pai”, mas com relação ao método utilizado pelo historiador comentarei mais adiante. Agora, nos concentremos na obra.

Carlo Ginzburg adora, entre outros temas, pesquisar sobre os processos inquisitoriais da Idade Média, e foi assim que ele conseguiu desenvolver pesquisas apaixonantes, e em uma dessas pesquisas surgiu a obra ora citada. A escrita do livro surgiu quando ele, em 1962 estava em Udine, na Itália:

O arquivo da Cúria Episcopal daquela cidade preservava um acervo de documentos inquisitoriais extremamente rico e, àquela época, ainda inexplorado (...) Ao folhear um dos volumes manuscritos dos julgamentos, deparei-me com uma sentença extremamente longa. Uma das acusações feitas a um réu era a de que ele sustentava que o mundo tinha sua origem na putrefação. (GINZBURG, 2006, p. 9).

Esse réu é o personagem principal da obra “O queijo e os vermes”, seu nome é Domenico Scandella, mas era conhecido por Menocchio. Este era um moleiro, pessoa humilde, mas com uma diferença em relação aos seus conterrâneos, sabia ler e escrever. A história é baseada em um fato verídico que ocorreu por volta do século XVI na Itália. Menocchio nasceu em uma pequena aldeia, Montereale. Exerceu algumas atividades além de moleiro, porém se destacou entre os seus por ter opiniões fortes, e que ia de encontro as ideias da Igreja Católica. A Igreja, na época, era a instituição mais forte em alguns aspectos, dentre os quais podemos destacar o aspecto político, e, neste aspecto, a inquisição era usada para satisfazer os desejos da Igreja Católica e dos reis, pois segundo Gonzaga, (1993, p. 15), “quanto mais o tempo passava, mais o poder régio se ingeria no tribunal da Inquisição, servindo-se da religião para fins políticos.” Foi em meio a esse período conturbado, sobretudo no aspecto religioso, pois a Reforma Protestante estava em evidência, que Menocchio defendia sua principal ideia, como nos relata Ginzburg, (2006, p. 36-37) “Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo

modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos.”

Tal ideia defendida por Menocchio nos faz refletir sobre sua cosmogonia, como um moleiro teria construído seu pensamento, a princípio tão “original”, a respeito da criação do mundo? Suas ideias entravam em conflito com os dogmas da Igreja Católica, o que o fez ser visto como um herege. A heterodoxia defendida por Menocchio fez com que a Igreja abrisse dois processos inquisitórios contra ele. No primeiro processo, em 28 de setembro de 1583, foi acusado de proselitismo, ou seja, sempre discutia com as pessoas que encontrava na rua, tentando convencê-las de suas ideias. Muitas vezes, mesmo na presença dos vigários que o interrogavam, Menocchio defendia as suas ideias. Um de seus parentes, Francesco Fasseta, confidenciou ao vigário-geral, que Menocchio “discute sempre com alguém sobre a fé, e até mesmo com o páraço” (Ginzburg, 2006, p. 32). Não faltava quem o denunciasse.

Segundo outra testemunha, Domenico Melchiori: “Costuma discutir com todo mundo, mas, quando quis discutir comigo, eu lhe disse: ‘Eu sou sapateiro; você, moleiro, e você não é culto. Sobre o que é que nós vamos discutir?’”. As coisas da fé são grandes e difíceis, fora do alcance de moleiros e sapateiros. Para debater é preciso doutrina, e os depositários da doutrina são sobretudo os clérigos. Porém, Menocchio dizia não acreditar que o Espírito Santo governasse a Igreja, acrescentando: “Os padres nos querem debaixo de seus pés e fazem de tudo para nos manter quietos, mas eles ficam sempre bem”; e ele “conhecia Deus melhor do que eles”. (GINZBURG, 2006, p. 32)

Percebemos que para os moradores de Montereale, a capacidade intelectual estava subordinada a profissão, logo, um moleiro não teria condições de discutir assuntos tão complexos, porém enxergamos em Menocchio sua crítica explícita aos sacerdotes, portanto sua capacidade crítica era aguçada e direcionada. Menocchio era uma voz que destoava das demais, não só pelo fato de confrontar a Igreja, mas, sendo ele um moleiro, superou as expectativas da Igreja ao demonstrar conhecimento. Ao fim do seu primeiro processo, sua sentença foi que renunciasse todas as suas ideias e crenças divergentes da Igreja e que fosse “emparedado, para que aí permaneças sempre e durante todo o tempo de tua vida” (GINZBURG, 2006, p. 148). Passou dois anos preso, até que seu filho, Ziannuto, apresentou uma súplica, escrita pelo próprio Menocchio, ao bispo e ao inquisidor da época. Mostrando total arrependimento, como nos relata Ginzburg, (2006, p. 150), Menocchio “chorava, suplicava ajoelhado, pedia humildemente perdão: ‘Eu estou profundamente

arrependido de ter ofendido meu senhor Deus e gostaria de não ter dito as loucuras que disse.” Acreditando eu sua total conversão deram-lhe uma nova chance.

Menocchio não foi capaz de se calar, suas convicções o atormentavam, e mesmo sabendo que estava proibido, pelo Tribunal do Santo Ofício, de falar e discutir assuntos relacionados a fé católica, não se absteve. Com o tempo deixou de usar o hábito com a cruz e ultrapassou os limites da cidade onde morava. Essas foram uma das prerrogativas para que ele deixasse a prisão. De forma velada e sem o conhecimento de Menocchio, a Inquisição voltaria a observá-lo novamente. Novas denúncias foram surgindo contra o moleiro, Menocchio não desistira das suas convicções religiosas e voltara a defendê-las. Como podemos observar a seguir, mesmo depois de sair da prisão e de ter tido mais uma chance, o moleiro continuava a “pregar” suas ideias, como pode ser constatado no diálogo que Menocchio manteve com Lunardo, conhecido que não via há algum tempo. Este relatou em uma carta ao frade Gerolamo Asteo o teor da conversa que tivera com Menocchio.

O diálogo na praça fora mais ou menos assim: “Eu ouvi dizer”, falou Menocchio, “que você está querendo ser padre: é verdade?”. Lunardo: “Não é uma boa história?”. “Não, porque é coisa de pobre.” Lunardo respondera, devolvendo a gozação: “Não [devo] ser frade para continuar pobre?” (...) “O Evangelho não é feito nem pelos padres, nem pelos frades, mas foi feito antes deles” - objetara Lunardo e fora embora, julgando seu interlocutor uma “pessoa herética”. (GINZBURG, 2006, p. 155)

Percebendo que Menocchio não havia se convertido de fato, não houve, dessa vez, a clemência que tivera no primeiro processo, ou seja, de ser perdoado pelos inquisidores. Assim sendo, em seu segundo processo, 1599, foi condenado a tortura, com o objetivo de descobrir algum cúmplice que o ajudara a construir seus pensamentos heréticos. Meses depois foi condenado à morte. Certamente, outros “Menochios” tiveram suas vidas interferidas pela Inquisição, porém não são todos os casos que foram registrados e chegaram até o nosso conhecimento.

1.1 A micro-história

Algumas correntes historiográficas se ocuparam em analisar a História, ou seja, se debruçaram de forma crítica sobre tudo que foi escrito a respeito dos eventos e fatos históricos. Dentre estas correntes citamos a positivista e a marxista. Nesse sentido, entendemos que os processos metodológicos de como se analisa a História

vão mudando de acordo com as necessidades, ou seja, suprir as lacunas deixadas pela anterior. Nesse aspecto, a micro-história surge para suprir a omissão deixadas pelas correntes anteriores, nesse sentido dar relevância, por exemplo, aos anônimos que passaram despercebidos pela História.

Entre as décadas de 60 e 70 as primeiras ideias com relação a micro-história foram se desenvolvendo na Itália, em que os primeiros escritos tiveram como suporte a revista *Quaderni Storici*, em que alguns artigos foram publicados, dando destaque a alguns autores italianos e aos seus escritos. Certamente os mais famosos foram Geovanni Levi e Carlo Ginzburg. Em 1981, segundo Guerios (2011), ambos os historiadores criaram e organizaram uma coleção dando o nome de micro-história.

Itália, meados dos anos 70: um grupo de historiadores pertencentes à mesma geração, entre os trinta e quarenta anos, dá vida a um projeto comum que, depois de algum tempo, toma o nome de “microstoria”. A esse projeto remetem livros, ensaios, uma coleção... (LIMA, 2006, p. 9)

No livro *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII* de Geovanni Levi, (2008, p. 8), Jacques Revel deixa explícito no prefácio que a micro-história “propõe reformular certas exigências e procedimentos.”. Logo, novas rupturas são necessárias, e o método tradicional de se analisar a História recebe críticas, e um novo olhar, que inclui a microanálise da História. Tal perspectiva, se consolida na Itália, surgindo pesquisas apaixonantes com temas muito singulares. Por surgir na Itália, essa nova corrente historiográfica é também denominada de *micro-história italiana*.

Nesse sentido, a micro-história se desenvolveu em circunstâncias históricas precisas: num momento em que o mundo reivindicava novos sonhos e a historiografia combatia as bases ideológicas da história positivista. Batalhas importantes foram vencidas. A história social e “vista de baixo” adquiriu todos os seus direitos e tornou-se frequente. (SILVA e LIMA, 2013 p. 198)

O historiador Carlo Ginzburg teve um papel relevante para a construção dessa nova corrente historiográfica e seu método trouxe grandes contribuições para o entendimento da História, procurando dialogar com outras disciplinas, ele abriu um leque de possibilidades de pesquisas, antes restritas. Segundo Guerios (2011), “a micro-história também foi uma reação ao encontro com a Antropologia, pois os antropólogos ofereciam um modelo alternativo que era a ampliação do estudo de caso onde havia espaço para a cultura”. Nessa perspectiva, vamos perceber que a

construção do discurso do personagem Menocchio, que posteriormente será discutida, foi influenciado, também, pela cultura popular.

Sair do macrossomo e ir para o microssomo, é enfatizar a microanálise, ou seja, procedimentos metodológicos em uma escala reduzida, que priorizam histórias de pessoas anônimas, comuns, que, a princípio, passariam despercebidas na História; abordar temas em que pessoas comuns são as protagonistas, ressaltando aspectos culturais, econômicos e sociais. Esses são alguns aspectos que a micro-história se apoia, e que Ginzburg valoriza em seus trabalhos.

As rupturas introduzidas por Carlo Ginzburg situam-se, nesse contexto, na construção de novos objetos – a feitiçaria (...) a cosmogonia (...) Uma linha condutora atravessa a maior parte dos seus trabalhos: a valorização dos fenômenos aparentemente marginais, como os ritos de fertilidade, ou dos casos obscuros, protagonizados pelos pequenos e pelos os [sic] excluídos, cuja a verdadeira dimensão cultural e social acaba por ser demonstrada. (MEMÓRIA E SOCIEDADE, 1991, p. 8)

É fazendo uma análise, enfatizando os pormenores de uma história, que se chega a um panorama ainda maior da época estudada, nesse ponto de vista sai do particular para o geral. Logo, essa análise “microscópica” desvenda e nos traz ao conhecimento os detalhes de um povo, de sua cultura, religião...

A micro história é uma prática essencialmente baseada na redução de escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Para a Micro História, a redução de escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado, e o princípio unificador de toda pesquisa micro histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados. (GUERIOS, 2011, p. 17)

Nesse prisma, Carlo Ginzburg, com seus trabalhos, em especial “O queijo e os vermes”, nos apresentou com uma análise rica da vida de um moleiro e de todo um contexto importante para os desdobramentos dos acontecimentos, o método da microanálise é evidente, os anônimos na história ganharam voz e vez. Paralelo à história do personagem conseguimos enxergar a cultura da época, o poder da instituição religiosa, os conflitos religiosos e as vozes sociais que perpassam na fala de Menocchio.

A micro-história vai surgir porque percebeu-se que as outras correntes historiográficas não estavam acompanhando a complexidade de uma análise dos

eventos históricos, limitando-se em alguns aspectos que não dão conta de abarcar os detalhes da História. Portanto, a microanálise supre as lacunas deixadas pelas outras formas de se analisar à História, uma vez que ocorre algumas reformulações nos métodos e análises dos fatos. Segundo Levi, (1992, p. 133), “a micro-história em si nada mais é do que uma gama de possíveis respostas que enfatizam a redefinição de conceitos e uma análise aprofundada dos instrumentos e métodos existentes”.

Portanto, a nova corrente historiográfica, que teve como precursor o historiador Carlo Ginzburg, deixou as narrativas históricas mais instigantes, seja pelos detalhes narrados ou pelo diálogo com outras disciplinas. Falando em diálogo, é bom lembrar que vivemos em constantes relações dialógicas. Essas relações é o que nos constituem como pessoa e faz com que o nosso discurso seja moldado a partir da relação com o *Outro*. Com Menocchio não foi diferente. Além desta relação, outro importante elemento que o influenciou na construção do seu discurso foi a cultura popular.

1.2 Cultura Popular

Talvez conceituar a palavra Cultura não seja uma tarefa tão fácil, pois tentar abarcar algo tão complexo em um único conceito, talvez não seja a forma mais honesta de defini-la. Independe do que acreditamos como cultura, sempre haverá um momento de redefinição, ressignificação, de novas incorporações ao termo. Hoje, acreditamos que cultura seja tudo aquilo que fora absorvido pelos contemporâneos, ou seja, algo que tenha sido criado, cultivado e praticado pelas gerações passadas, e replicado de uma forma ou de outra nos dias atuais. Então, costumes, tradições, festas, religiões, leis, tudo tem resquício de um passado rico e complexo que dialoga constantemente com o presente. Burke (2010, p. 11), define cultura como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”.

Bakhtin, ao se referir à cultura, nos mostra a importância do carnaval e seus desdobramentos, já que tal festa tenta subverter as situações outorgadas pelas elites. Nesse sentido, a cultura popular é aquela praticada pelas classes mais humildes em detrimento de uma cultura elitizada.

No centro da cultura configurada por Bakhtin está o carnaval: mito e rito no qual confluem a exaltação da fertilidade e da abundância, a inversão brincalhona de todos os valores e hierarquias constituídas, o sentido cósmico do fluir destruidor e regenerador do tempo. Segundo Bakhtin, essa visão de mundo, elaborada no correr dos séculos pela cultura popular, se contrapõe, sobretudo na Idade Média, ao dogmatismo e a seriedade da cultura das classes dominantes. (GINZBURG, 2006, p. 15)

Era contra esse dogmatismo da Igreja que Menocchio batia de frente, e que a cultura popular aflorava em seu discurso. Então, um moleiro que não fazia parte da elite, a enfrentava mesmo que isso custasse a sua vida. Portanto, as camadas mais baixas da sociedade do século XVI reproduziam a sua cultura, de maneira que era entendido como uma cultura não oficial das “classes subalternas”.

Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas”, como chamou-as Gramsci (...) a não elite era todo um conjunto de grupos sociais mais ou menos definidos, entre os quais destacavam-se os artesãos e os camponeses. Portanto, uso a expressão “artesãos e camponeses” (ou “povo comum”) para sintetizar o conjunto da não elite, incluindo mulheres, crianças, pastores, marinheiros, mendigos e os demais grupos sociais (BURKE, 2010, p. 11)

Menocchio fazia parte desse “povo comum”, porém tinha um certo grau de conhecimento que adquiriu através da tradição oral e da escrita. É notório que naquela época dois acontecimentos foram cruciais para que Menocchio conseguisse expor seus argumentos e pudesse discutir com os clérigos e seus conterrâneos: a Reforma protestante e a invenção da imprensa.

A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de ideias e fantasias que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores... (GINZBURG, 2006, p. 25)

Entendemos que Menocchio é filho do seu tempo, um tempo conturbado, sobretudo no aspecto religioso, e ele viveu todas essas transformações intensamente. O seu discurso heterodoxo o fez ser conhecido e perseguido. Vamos perceber que Menocchio dialogava, em seu discurso, constantemente com os livros que leu e com aspectos culturais, já que o diálogo, como afirma Fiorin (2017), não se dá apenas “face a face” é uma “rede” muito mais complexa de interação. Nesse sentido,

essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas

ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. (FIORIN, 2017, p. 21)

Ora, como já foi dito anteriormente, o aspecto religioso era algo latente à época de Menocchio, várias correntes heréticas tinham surgido, como também Lutero havia rompido com a Igreja Católica. Nesse sentido, o discurso de Menocchio ia ao encontro desses pensamentos propagados à época, como afirma uma testemunha, “tem má fama e tem opiniões erradas, como aquelas da seita de Lutero”, Ginzburg (2006, p. 33). Portanto, era visível que Menocchio fora influenciado por uma onda de pensamentos que divergiam da Igreja, o que colaborou na construção do seu discurso. Logo, é difícil imaginar que seus enunciados tenham sido neutros. “A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (BAKHTIN, 2006, p. 26). Diferentemente da palavra, existe alguns elementos que o constituem.

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido com seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. (BEZERRA, 2016, p. 47).

Partindo desse ponto de vista, vamos procurar entender como a cultura popular influenciou Menocchio na construção do seu discurso. Nesse sentido, outros aspectos culturais propagados pela religião *heterodoxa* vai ao encontro do que Menocchio acreditava, beirando um certo radicalismo em seu discurso. Vejamos algumas falas (GINZBURG, 2006, p. 41-42):

- *“Na minha opinião, falar latim é uma traição aos pobres. Nas discussões os homens pobres não sabem o que se está dizendo e são enganados. Se quiserem dizer quatro palavras, tem que ter um advogado”.*

- *“E vocês, padres e frades, querem saber mais do que Deus; são como o demônio, querem passar por deuses na terra, saber tanto quanto Deus da mesma maneira que o demônio. Quem pensa que sabe muito é quem nada sabe”.*

- *“Acho que a lei e os mandamentos da Igreja são só mercadorias e que se deve viver acima disso”.*

Essas são algumas das afirmações que Menocchio fazia diante das autoridades da Igreja, que de certa forma convergiam com as 95 teses apresentadas por Lutero¹. Portanto, nessa interação dialógica, Menocchio ia moldando seu pensamento.

Outro personagem que aparece na obra, relatado nos processos inquisitoriais é Nicola da Porcia². Não se sabe muito sobre ele, porém é notório a influência dele em relação a Menocchio. Nicola

contava que ele próprio tinha quebrado umas estatuetas usadas para a decoração de uma igrejinha, não muito distante de Porcia, dizendo que eram malfeitas, que eram [...] mercadorias [...] que não é preciso pôr imagens na Igreja. (GINZBURG, 2006, p. 58)

Nicola, provavelmente, fazia parte de grupo de artesões que se reuniam para discutir o evangelho “25 anos antes” de Menocchio começar a discutir suas ideias, o que provavelmente tivera influenciado outras pessoas, inclusive o moleiro. Na fala de Nicola é explícito o diálogo entre os dois discursos, como veremos. A seguir, Menocchio traz em seu discurso resquícios do Outro. Portanto, esse dialogismo acontece no momento em que percebemos que há uma similaridade nos discursos como podemos perceber na fala do moleiro: *“Quanto as relíquias dos santos, são como qualquer braço, cabeça, mão ou perna, acho que são iguais aos nossos braços, cabeças, pernas e não devem ser adoradas ou reverenciadas [...] Não se devem adorar as imagens, e sim Deus, só Deus, que fez o céu e a terra; vocês não veem”*. (GINZBURG, 2006, p. 44)

A ideia de um discurso que é o tempo todo atravessado pelo alheio, que traz no seu interior o outro, é um dos principais pontos do pensamento de Mikhail Bakhtin e o fundamento da sua concepção dialógica da linguagem. (MARINHO, 2005, p. 235)

¹ *95 teses de Lutero*: Revoltado com o comportamento da Igreja Católica, na Idade Média, Lutero, elaborou 95 teses em que sugeria discutir assuntos como: dogmas e doutrinas católicas. O aspecto dialógico entre Menocchio e as 95 teses de Lutero se dá pela semelhança dos enunciados. Assim como Menocchio, Lutero questionava alguns sacramentos (confissão e penitência); as atitudes do Papa; questiona a exploração dos mais pobres através das indulgências, entre outras falas que ecoava no discurso heterodoxo de Menocchio.

² *Nicola da Porcia*: Era pintor da comunidade de Porcia, teria conhecido Menocchio em uma Quaresma. Conversaram sobre a prática do jejum, e essa relação fez com que Nicola fosse, também, intimado pela inquisição, porém, foi liberado. E através de Nicola, Menocchio teve acesso a dois livros: *Sogno dil Caravia* e o *Decameron*. E algumas falas reproduzidas por Nicola dizia eram ecoadas, também, por Menocchio, como: *mercadorias e leis e mandamentos da igreja*.

Barros (1994, p. 2) “concebe o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso”. Para Fiorin (2017) “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado.” Nessa visão, o enunciado incorpora outras visões, de modo que a nossa fala sempre será reflexo de um outro enunciado. Fiorin (2017) afirma que no enunciado “ouvem-se sempre, pelo menos, duas vozes”. E é na voz de Menocchio, com elementos da cultura popular, que se dá por transmissão direta, haja vista a importância de Nicola para a construção do discurso do moleiro, que podemos identificar as outras vozes.

As relações dialógicas dar-se tanto nas atitudes responsivas, pela influências de leituras, nas vozes sociais que nos cercam, e em consequência, temos, nos enunciados, resquícios de outras falas. Assim, tomando por base esta assertiva, outro momento importante na fala do personagem Menocchio é quando, no segundo processo, ele tenta se explicar, se defender diante dos inquisidores, por ter dito, discutido, e tentado convencer aos seus conterrâneos de que a lei seguida por quem é cristão não é melhor e nem pior, por exemplo, das dos turcos e judeus, pois para o moleiro cada um tem que seguir aquilo que acredita como certo. E para justificar a tese, Menocchio usa, como analogia, a lenda dos três anéis, como veremos a seguir:

Um grande senhor declarou seu herdeiro aquele que tivesse um certo anel precioso; aproximando-se da morte, mandou fazer outras dois anéis parecidos com o primeiro e, como tinha três filhos, deu a cada um deles um anel. Cada um deles julgava ser o herdeiro e ter o verdadeiro anel, mas, dada a semelhança, não se podia saber ao certo. Do mesmo modo, Deus possui vários filhos que ama, isto é, os cristãos, os turcos e os judeus, e a todos deu a vontade de viver dentro da própria lei e não se sabe qual seja a melhor. Mas eu disse que, tendo nascido cristão, quero continuar cristão e, se tivesse nascido turco, ia querer viver como turco. (GINZBURG, 2006, p. 92)

Percebemos em seu enunciado o reflexo da tradição oral, resquícios de uma cultura popular que se propaga de geração em geração, ou seja, a história da “lenda dos anéis” é resgatada por Menocchio para tentar convencer os inquisidores a não ser punido. Portanto, o moleiro nos mostra um conhecimento de saber adequar o diálogo a determinadas situações. Isso é uma das características do dialogismo, que é trabalhado por Bakhtin, ou seja, é saber usar o mesmo enunciado em vários contextos, haja vista que o enunciado sempre se renova. Nesse sentido, Menocchio transportou seu conhecimento, da lenda, para comparar o amor de Deus pelos seus filhos, portanto ele dialoga com “a lenda dos anéis” ressignificando, ao transportar para o contexto religioso.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): ele sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro, do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2003 *apud* Sobral, 2006, p. 185)

Para Bakhtin, (2006, p. 115), “toda palavra serve de expressão a *um*, em relação ao *outro*.” Menocchio constituía sua identidade toda vez que se expressava, que expunha suas ideias, seja aos inquisidores, seja aos amigos. O “outro”, nesse sentido, configura-se como elemento essencial nesse jogo dialógico, permitindo que o enunciado tenha sentido, ou seja, o eu incorpora-se no “outro”. Bakhtin (1997, p. 29) afirma que “a expressividade externa abre-me o acesso ao interior do outro, permite-me fundir-me com ele por dentro.”

Então, há no discurso do personagem uma fusão com cultura popular, e como consequência, a verbalização de ideias que tenta subverter os dogmas da Igreja Católica. Nicola da Porcia, foi sem dúvidas um dos principais responsáveis por colocar Menocchio em contato com o conhecimento da cultura popular e, conseqüentemente, em contato com alguns livros. Assim, o moleiro foi construindo seu discurso, que destoava da Igreja Católica. Portanto, o dialogismo caracteriza-se pela não neutralidade da fala, ou seja, há uma intenção naquilo que falamos, nada que dizemos é neutro, sempre terá uma outra voz no nosso discurso.

Em outras palavras, concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do Outro na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. (BARROS, 1994, p.3)

E são essas “outras vozes” que se destacam a cada pronunciamento de Menocchio. É inevitável, portanto, que Menochhio entrasse em conflito com a Igreja. Seus enunciados, advindos da leitura de mundo que fazia a partir da cultura popular, juntamente com os livros que lera, mais discordavam do que concordavam com os dogmas da Igreja Católica. Logo, a atitude responsiva do personagem, como é característica do enunciado, não podia ser imparcial, ou concorda ou discorda. Com relação a isso Bakhtin afirma (2006, p. 109), que “pode-se (...) dizer que toda

enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa.”

Influenciado por Nicola de Porcia, Menocchio fazia uma releitura daquilo que lhe era transmitido, nesse jogo dialógico com a cultura popular, a transmissão de conhecimento, principalmente pela oralidade, se dava da seguinte maneira.

Cada artesão e cada camponês estava envolvido na transmissão da cultura popular, da mesma forma que sua mãe, mulher e filhas. Eles a transmitiam cada vez que contavam uma estória tradicional a uma outra pessoa, ao passo que a criação dos filhos necessariamente incluía a transmissão dos valores de sua cultura ou subcultura (BURKE, 2010, p. 130).

Nesse sentido, é muito provável que Menocchio também tenha influenciado seus filhos, porém não há relatos de que seus familiares tenham sido perseguidos pela inquisição.

Percebemos que a cultura popular, materializada no personagem Menocchio, enfrentava as “verdades” defendidas pela Igreja Católica e suas sagradas escrituras, que de certa forma tentavam frear as “heresias” que se propagavam contra a cultura elitizada (Igreja). Ademais, vamos tentar identificar mais vozes sociais que cercaram e influenciaram Menocchio.

1.3 Vozes sociais

Como discutido anteriormente, é impossível que um discurso seja imparcial, que se apresente com neutralidade. Nesse sentido, é evidente que em um diálogo possamos perceber não só as vozes do enunciador e do enunciatário, mas as vozes sociais que atravessam seus discursos constantemente, são vozes que precedem o indivíduo e que em algum momento ele replica. Então, a palavra, segundo Bakhtin “evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções.” (BAKHTIN, 2010 *apud* Melo, 2017 p. 67).

Para Bakhtin, a compreensão do dialogismo interacional se dá a partir do momento em que o sujeito deixa de ser o protagonista, sendo “substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.” (BARROS, 1994, p. 3). Deste ponto de vista, retomemos à história de Menocchio, que nos seus discursos percebemos várias vozes sociais que o moleiro

evocava para defender suas ideias cheias de intenções. Intenções essas, que muitas vezes não traz a voz daquele que fala, mas “a voz de uma sociedade, que às vezes está longínqua no tempo e no espaço” (LEITE, 2011, p. 55).

As vozes sociais são um importante elemento na composição do dialogismo, elas são responsáveis por todo um conteúdo do indivíduo, sendo este detentor de um discurso não original, e essa não originalidade é fruto de um discurso intercalado com outras vozes. Nenhum discurso surge do nada. Como disse Bakhtin (2010): “não há palavra sem dono.”

Nessa perspectiva, reconheçamos a importância de se conhecer as vozes sociais em um diálogo, pois é através dela que colhemos “pistas” do Outro, em que meio ele vive, qual ideologia defende, sua origem, qual sua intenção ao proferir seu discurso. Nesse sentido, o jogo dialógico nos deixa perceber qual influência o Outro tivera para formular suas ideias e construir seu discurso. Portanto, cercado de vozes sociais, o indivíduo reformula suas ideias, seu discurso a partir do momento em que cada vez mais ele passa a incorporar e ter contato com outras leituras de mundo, ou seja, quantos mais conteúdo internalizado, leia-se, vozes sociais, maior é a possibilidade do indivíduo moldar, refazer, reelaborar, (re)construir o seu discurso.

Percebamos que, em um diálogo, as vozes do discurso não se restringem apenas ao enunciador (aquele que fala) e nem ao enunciatário (aquele que ouve e interpreta), mas há vozes sociais. Leite (2011, p. 55) assegura que “ainda existe as vozes daqueles que já disseram algo a respeito daquilo que está sendo dito”. Segundo Brait (1994), Bakhtin afirma

que tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala. (BAKHTIN, 1979 *apud* Brait, 1994, p. 14).

Nesse sentido, Menocchio elabora seu discurso mergulhado de outras vozes. São palavras escolhidas estrategicamente pois tem um valor de negar as doutrinas da Igreja Católica. Por isso, ele busca respaldo em textos lidos e na cultura vivida por ele. Por outro lado, a resposta da Igreja aos ataques de Menocchio não são aleatórias, são formuladas a partir de uma doutrina elaborada e difundida há milênios e, certamente, em contrapartida às falas do moleiro. Logo, as falas escolhidas pela Igreja tem valor de proteção, já as falas de Menocchio tem valor de contestação, uma não

aceitação do que está sendo imposto. Nesse ponto de vista, Brait (1994, p. 17) comenta que

segundo Bakhtin, são os julgamentos de valor que determinam a seleção das palavras feitas pelo falante e a recepção dessa seleção (a co-seleção) feita pelo ouvinte. E esclarece que o falante seleciona as palavras não no dicionário, mas no contexto de vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor.

Pegemos, portanto, dois conceitos emprestados de Fiorin (2017), para tentarmos encontrar, nos embates entre Menocchio e a Igreja, as outras vozes sociais que estão no discurso heterodoxo do moleiro: *polêmica clara* e *polêmica velada*. Tais conceitos mostram como o diálogo vai se compondo, ou seja, outras vozes vão se incorporando ao discurso.

Para entendermos melhor o que quer dizer cada um desses conceitos, Fiorin (2017, p. 44) diz o seguinte, em relação ao primeiro conceito, “trata-se do afrontamento de duas vozes que polemizam abertamente entre si, cada uma delas defendendo uma ideia contrária à da outra”. Com relação a polêmica velada, o estudioso afirma: “nesse caso, não se expressa abertamente a polêmica. No entanto, percebe-se na construção discursiva que há duas vozes em oposição.” (FIORIN, 2017, p. 45).

Vejamos alguns enunciados produzidos por Menocchio no primeiro interrogatório. (...) *discutindo com o padre Andrea Bionima, disse: “Não vejo ali nada mais que um pedaço de massa. Como é que pode ser Deus? E o que é esse tal Deus a não ser terra, água e ar?”. Mas ao vigário-geral explicou: “Eu disse que aquela hóstia é um pedaço de massa, mas que o Espírito Santo vem do céu e está nela. Eu realmente acredito nisso”.* (GINZBURG, 2006, p. 43).

De forma explícita constatamos, já na primeira fala, que Menocchio contesta a hóstia como algo sagrado, negando o valor defendido pela Igreja católica, da transubstanciação³. Porém Menocchio não acredita nessa tese, questionando que a

³ *Transubstanciação*: Doutrina da Igreja Católica, surgida na Idade Média, em que acredita na mudança de uma substância em outra, ou seja, no momento da eucaristia o pão e o vinho transforma-se literalmente no Corpo e Sangue de Cristo, respectivamente.

hóstia seria apenas “um pedaço de massa”, consubstanciação⁴. A *polêmica clara* estava instalada, de um lado o moleiro que questionava a transubstanciação, do outro lado, o vigário que questionava incrédulo as assertivas de Menocchio, ou seja, há um afrontamento de vozes.

O que contrasta com à transubstanciação defendida pela Igreja é a consubstanciação. Essa tese, defendida pelos luteranos, acredita que durante à Santa Ceia a substância do corpo e o sangue de Jesus está presente, porém não de forma literal, mas juntamente com o pão e o vinho.

Analisando o momento em que Menocchio vivia, em especial no aspecto religioso, com a Reforma Protestante liderado por Lutero, em que um dos aspectos defendidos pela Reforma era a consubstanciação, é importante entender o que Lutero compreende sobre esse tema.

Assim afirma Lutero, em sua Confissão da Ceia de Cristo: "Pois, na verdade, corpo e pão são, cada um por si, duas naturezas distintas e, quando separadas, uma não é a outra. Quando, porém, se unem e se tornam um ser novo e inteiro, perdem suas diferenças no que diz respeito a esse novo e único ser. E, tal como se tornam e são uma só coisa, assim também os conceituamos e chamamos de uma coisa só, de modo que não é necessário que uma das duas desapareça e pereça, mas que ambos, pão e corpo, fiquem, e que, de acordo com a unidade sacramental, se possa dizer corretamente: 'Isto é o meu corpo', sendo que a palavrinha 'isto' indica para o pão. Pois já não é mais simples pão do forno, mas pão-carne, ou pão-corpo, quer dizer, um pão que se tornou uma só essência sacramental e uma só coisa com o corpo de Cristo. O mesmo vale a respeito do vinho no cálice: 'Isto é o meu sangue', onde a palavrinha 'isto' indica para o vinho. Pois já não é mais simples vinho da adega, mas vinho-sangue, portanto, um vinho que se tornou uma só essência sacramental com o sangue de Cristo." (LEÃO, 2016, p. 1).

Percebemos que Lutero defendia algo que ia ao encontro daquilo que Menocchio acreditava. Verificamos a influência luterana na seguinte passagem: “muitos anos depois, no período do segundo processo (1599), soube-se que Menocchio havia dito a um judeu convertido, de nome Simon, que, quando da sua própria morte, “*os luteranos vão ser informados e virão buscar as cinzas*”.” Ginzburg (2006, p. 52). Ora, o seu enunciado é um forte indício de que Menocchio tivera influências diretas com o luteranismo.

⁴ *Consubstanciação*: Surgiu na Idade Média em contraposição a transubstanciação. Os luteranos acreditam que no momento da Santa Ceia há uma união das substâncias, corpo e sangue de Cristo com a substância do pão e do vinho, porém não há transformação.

Em um outro momento do livro, uma testemunha afirma acreditar que o moleiro defendia ideias luteranas. “Giovanni Povoledo, dirigindo-se ao vigário-geral, arriscou uma definição, embora genérica: *“Tem má fama e tem opiniões erradas, como aquelas da seita de Lutero”* Ginzburg (2006, p. 33). Temos, portanto, evidências de que essas vozes sociais luteranas influenciaram na construção do seu discurso.

Dentre os livros que Menocchio tivera acesso, um chama atenção, o *Supplementum*, de Foresti, que Segundo Ginzburg trata-se de um livro que aborda os mais variados temas tais como:

Narração analítica das vicissitudes humanas desde a criação do mundo até o presente, misturando história sacra e história profana, mitologia e teologia, descrições de batalhas e de países, listas de príncipes e filósofos, hereges e artistas.(GINZBURG, 2006, p. 129).

Tal livro conta os motivos que levaram Lutero a romper com a Igreja, culpando os franciscanos por tal rompimento. Nesse sentido, Menocchio percebeu que teria um respaldo, ou até mesmo um mentor a seguir, para se contrapor à Igreja Católica. Como podemos observar “leu as páginas dedicadas ao cisma de “Martinho, conhecido como Lutero, frade da ordem dos eremitãos de santo Agostinho”, organizadas por um editor anônimo - decerto um confrade de Foresti e como ele ermitão.” (GINZBURG, 2006, p. 129).

Menocchio se contrapõe as vozes sociais da Igreja de forma contundente, vozes estas que, de certa forma, procuram ter unicidade no discurso, porém, sabemos que existe dentro da própria instituição pensamentos divergentes. Mas, a fé dos seus membros mantém um discurso uniforme. Contra esse discurso uniforme, o moleiro fazia seus questionamentos. Com relação as vozes que destoam na Igreja, Bakhtin nos diz:

a Igreja não é simples confrontação de vozes com direitos iguais, é um lugar qualitativamente distinto dos indivíduos que o ocupam e só pode existir graças a uma fé em comum. (BAKHTIN, 1997, p.13).

Percebemos nas falas de Menocchio uma clara oposição à doutrina da Igreja Católica, e pelo que foi até então apresentado, vimos algumas influências que corroboraram para a construção de um discurso heterodoxo. Para encerrarmos essa primeira constatação da influência luterana em seu discurso, citamos outro livro, ao qual ele teve acesso por intermédio de Nicola de Porcia, *Il sogno dil Caravia*. Um dos

personagens do livro faz referências elogiosas a Lutero. Vejamos o excerto, tirado do livro ora citado que está contido em “O queijo e os vermes”.

*Certo Martinho Lutero lhe surgiu
que padres preza pouco, e frades menos,
e que é dos Alemães muito estimado;
de exigir o concílio não se cansa [...]
Este Martinho, pelo que se diz,
excele em toda sorte de doutrina:
mas o puro Evangelho não descuro.
De muitos intrigou Lutero a mente.
Só Cristo nos perdoa, diz-nos um;
outro que Paulo III e que Clemente:
assim puxa cada um para o seu lado,
um diz verdade, outro mentira diz.
Querem todos que o concílio seja feito
só para esclarecer tanta heresia:
o quente sol derrete a neve fria,
tal como Deus as tristes fantasias ...*

A visão que se tem de Lutero no texto é positiva, já que ele pede ao concílio uma doutrina mais acessível, e faz uma nova proposta ao puro Evangelho. Mas, o que nos interessa é perceber que Menocchio dialoga com a nova visão do Evangelho, que tem em Lutero seu precursor. Portanto, a *polêmica clara* travada entre Menocchio e o vigário, para reconhecer a hóstia como algo sagrado, se deu no embate das vozes sociais que cada um traz consigo, sendo possível perceber, por meio de testemunhas e dos livros que tivera acesso, que o moleiro fora fortemente influenciado. Nesse ponto de vista, entendemos o discurso menocchiano, pois “o sentido se distribui entre as diversas vozes”. (BAKHTIN, 1997, p. 191).

2. Menocchio: a construção de um discurso heterodoxo

O Menocchio, que trazia consigo um conhecimento vasto, e que incomodou tanto a Igreja, teve acesso a alguns livros, com os quais dialogou, e construiu suas ideias e conceitos, no tocante ao aspecto religioso. Seus enunciados, que desde sempre confrontava-se com os dogmas da Igreja, palavras eram escolhidas de forma estratégicas para tentar fragilizar o discurso da Igreja Católica. Segundo Bezerra (2016, p. 47) “a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, primeiramente, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido (...)”. Portanto, o discurso de Menocchio foi

sendo construído com a tarefa de enfraquecer o discurso da Igreja católica, com o objetivo de mostrar a sua “verdade”. Vejamos como pensava e agia a Igreja Católica e logo após vamos ver de forma mais detalhada a influência que Menocchio sofrera para sistematizar e defender suas ideias.

Vale ressaltar que não pretendemos, aqui, julgar o discurso da Igreja como *certo* ou *errado*. Não é nossa pretensão analisar, criticar os métodos adotados pela Igreja para frear a Reforma Protestante. Não temos a intenção de analisar ponto a ponto os sacramentos da Igreja e o uso das Imagens pela mesma. Nossa intenção é mostrar em que se sustenta o discurso ortodoxo, tentando fazer um contra ponto com os pensamentos de Menocchio e, sempre que possível, relacionado com o conceito de dialogismo.

2.1 O discurso ortodoxo da Igreja Católica

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: “Faça-se a luz!”. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia, e as trevas noite. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia. (Bíblia Sagrada, 2014, p. 49).

Como podemos perceber, para a Igreja, a criação do mundo se deu pela vontade do Ser supremo, Deus. Algo que foi pensado e arquitetado pelo Pai, assim acreditam os cristãos, e assim está na Bíblia, onde contém, também, todo o respaldo dogmático da Igreja Católica. Menocchio confronta tal tese, acredita, o moleiro, que a criação do mundo se deu de forma bem diferente, pelo Caos, portanto, a criação do mundo na visão menocchiana se contrapõe à visão cristã, que será explorada mais adiante.

A Igreja Católica foi construindo seu discurso não apenas com base nas Escrituras Sagradas, mas na Tradição e no Magistério da Igreja. Esta perspectiva é diferente do ponto de vista dos protestantes, que acreditam na *Sola Scriptura*, ou seja, só a Escritura Sagrada é o suficiente para constituir a base da fé protestante. Porém o catolicismo reafirma que seu discurso não pode se restringir apenas à Bíblia, pois os ensinamentos de Deus vai além da escrita, está também na oralidade. Segundo Krieger (2012) “A pregação não surgiu assim de um livro que Deus mandou escrever

e distribuir. Surgiu de ouvir a Palavra de Deus. Então essa pregação apostólica, hoje nós a temos expressa, de modo especial, nos livros inspirados. Mas esta pregação deve continuar até o fim dos tempos”. Portanto, a Igreja, inspirada na Tradição, tem que manter vivo os ensinamentos de Cristo, seja de forma escrita, ou transmitindo aquilo que foi passado de geração em geração. Para (KRIEGER, 2012, p. 1),

a tradição é a fé viva daqueles que já morreram. E nós temos conhecimento desta fé. Quando se fala em tradicionalismo, é outra coisa totalmente diferente, é o apego à fórmula, a uma determinada época.

Nesse sentido, a Igreja consolida sua fé com o Magistério, que nada mais é do que “aquele grupo da Igreja que recebe uma ação especial do Espírito Santo para que esta revelação de Deus não se perca e se mantenha sempre fiel”. (KRIEGER, 2012). Portanto, são responsáveis por não desvirtuar a palavra de Deus, e assim, garantir a interpretação ortodoxa da Igreja Católica. Enfim, a Igreja Católica tem nessa tríade, Bíblia Sagrada, Tradição e o Magistério como o respaldo e a defesa do discurso ortodoxo pregado até os dias atuais.

Para o autor, a construção do enunciado pressupõe um diálogo com textos anteriores e com a fala do outro, na qual o enunciadador passa a construir sua própria fala que é atravessada pela fala do outro na construção da sua identidade. (BAKHTIN, 2002 *apud* Cordeiro Junior, 2008 p. 87).

No século XVI vivia-se uma atmosfera pesada no tocante a religiosidade. Detentora de um poder até então inquestionável, a Igreja se apresentava como a detentora do saber, cabendo a ela, a interpretação corretamente da palavra de Deus. Influenciava diretamente as pessoas tanto no aspecto político quanto socialmente. Assim,

a filosofia preponderante naquele momento se caracteriza pela cultura extremamente religiosa, na qual os fenômenos naturais são atribuídos à divindade se traduzindo ora em castigos ou em graças aos homens, em função do cumprimento de suas funções religiosas e sociais, como: plantar, trabalhar, pagar os impostos ao senhor feudal e à Igreja (servos); governar, conceder o uso das terras pelos servos, proteger os domínios dos feudos (senhor feudal); rezar e garantir o cumprimento dos sacramentos, além de pregar os valores cristãos e católicos (clero). (CORDEIRO JUNIOR, 2008, p. 72-73).

O apelo as imagens, a defesa dos sacramentos, indulgências e tantos outros dogmas defendidos pela Igreja, baseava-se naquilo que vimos anteriormente, na

tríade, que constitui a fé católica. O discurso em favor das imagens, pautava-se no diálogo com a Tradição. A propósito, os primeiros cristãos, adeptos, do que se chamava, cristianismo primitivo, surgem com o rompimento ao judaísmo. O cristianismo surgiu em meio ao judaísmo, influenciados pelos ensinamentos de Jesus Cristo, muitos dos que praticavam os ritos judaicos abraçaram a nova concepção religiosa, nesse sentido houveram várias perseguições aos cristãos, sendo proibidos de praticarem os cultos livremente. Tentando burlar as determinações das autoridades, os cristãos se reuniam escondidos nas catacumbas para realizações dos cultos. Hoje, estudos arqueológicos encontraram várias imagens desenhadas nas catacumbas, em que fazem referências aos santos e mártires da Igreja Católica.

Os peregrinos que chegam a Roma por ocasião do Jubileu da Misericórdia podem percorrer uma das catacumbas mais importantes da Cidade Eterna e admirar pinturas dos primeiros cristãos como as de São Marcelino e São Pedro dos anos 100 e 200 d.C., restauradas durante três anos e que agora finalmente já estão abertas ao público (...) Estes trabalhos possibilitaram a recuperação de valiosas pinturas feitas pelos primeiros cristãos, as quais representam cenas da Bíblia como a pequena sala ou cubículo de Susana, o profeta Daniel, Sabina e Orfeu; ou a Virgem com dois Reis Magos. Em um dos tetos também ressalta um medalhão central do Bom Pastor, rodeado dos episódios bíblicos de Jonas, de Daniel na cova dos leões e da Arca de Noé. (JUANA, 2016, p. 1).

Nessa perspectiva, fica claro que os cristãos já nos primeiros séculos tinham certa intimidade com as imagens, ou seja, a Tradição, assim como os textos bíblicos, dão respaldo ao discurso da Igreja para o uso das imagens. A Escritura Sagrada é, também, usada para exemplificar a veneração as imagens. Várias passagens bíblicas são usadas pela Igreja, como por exemplo: EX 25, 17-22; Nm 21, 8-9; 1Sm 4,4; 1 Rs 6, 23-29, e tantas outras referências que estão contidas na Bíblia.

Menocchio, porém, não era adepto das imagens, conforme já foi dito anteriormente neste trabalho, como podemos comprovar com alguns excertos.

Quanto as relíquias dos santos, são como qualquer braço, cabeça, mão ou perna, acho que são iguais aos nossos braços, cabeças, pernas e não devem ser adoradas ou reverenciadas (...). Não se devem adorar as imagens, e sim Deus, só Deus, que fez o céu e a terra; vocês não veem. (GINZBURG, 2006, p. 44)

Tinha quebrada umas estatuetas usadas para a decoração de uma igreja, não muito distante de Porcia, dizendo que eram malfeitas, que eram (...) mercadorias (...) que não é preciso pôr imagens na Igreja. (GINZBURG, 2006, p. 58)

Dentre os livros que Menocchio teve acesso, Mandavilla, também conhecido como *Il cavaltier Zuanne de Mandavilla*⁵, parece destacar-se, como podemos constatar observando o diálogo que o moleiro mantém com a obra. Quando interrogado pelos inquisidores, se tinha algum cúmplice que lhe ensinara tamanha heresia, Menocchio disse: “eu jamais tive companheiros nas minhas opiniões; e o que eu disse, disse por causa daquele livro do Mandavilla que eu li”.

O livro, composto de duas partes, retrata as viagens de sir John Mandeville, segundo Ginzburg (2006, p. 83). “A primeira é um itinerário para a Terra Santa, uma espécie de guia turístico para peregrinos. A segunda é a descrição de uma viagem para o Oriente que atinge ilhas cada vez mais longínquas, até a Índia e Catai, isto é, a China”. O livro traz uma visão mais detalhada dos lugares sagrados e, em especial, a do uso das relíquias pelos povos da ilha Chana, bem como os costumes e a crenças com relação as imagens. Nesse sentido, destaquemos uma passagem que entendemos ter motivado Menocchio refletir sobre o assunto:

O povo desta terra tem diversas leis; alguns adoram o sol, alguns as arvores, alguns as serpentes e outros a primeira coisa que encontram pela manhã; alguns simulacros, outros ídolos (...) E saibam que quem adora imagens, o faz em reverencia a algum homem valente já morto, como Hercules e muitos outros que no tempo deles fizeram maravilhas; mas eles dizem saber que tais valentes não são deuses (...) (GINBURG, 2006, p. 90).

Portanto, há indícios que o livro tivera influenciado diretamente na construção do discurso heterodoxo de Menocchio. O discurso de Menocchio fazia, claramente, um contra ponto com a visão católica e, nesse sentido, está consolidado, do que Fiorin (2017) chama de *polêmica clara*.

Bem, voltando ao discurso da Igreja, fica claro a razão do diálogo mantido com a Tradição (imagens na catacumba), ou seja, para dar-lhe suporte na constituição da sua fé. Por isso, o dialogismo, conceito atribuído a Bakhtin, pode nos esclarecer essa relação dialógica do discurso da defesa de um dogma amparado por um passado que está presente e vivo. Ademais, quando a Igreja se pronuncia a favor do uso das

⁵ *Mandavilla*: palavra que designa o sobrenome do cavaleiro Zuanne, na língua italiana. Ao traduzir para o português, a palavra modifica-se, sendo pronunciada da seguinte forma: Mandeville, porém com o mesmo valor semântico da palavra anterior. O livro *Il cavaltier Zuanne de Mandavilla*, também é conhecido como *As viagens de sir John de Mandeville*.

imagens, está implícito no discurso toda uma história, leia-se vozes sociais que norteiam toda a memória da Igreja e que a legitimam na constituição de sua fé.

Todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outra palavra, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2017, p. 22)

Assim como as imagens, a defesa dos sacramentos é algo contundente dentro da fé católica. Entenda sacramento como tudo aquilo que é praticado, dito, ouvido, enfim toda e qualquer ação que lembre as coisas sagradas e que fazem com que as pessoas sintam a presença de Cristo em seu meio. A Igreja divide os sacramentos da seguinte forma: o sacramento em que indica a iniciação cristã está relacionado com o batismo, eucaristia e a confirmação. Tem os sacramentos de cura, entendido como a penitência e unção dos enfermos. E os sacramentos do serviço, matrimônio e ordem.

O Concílio de Trento discutiu e decidiu vários dogmas da Igreja, (ocorreu entre 1546 a 1563, na cidade de Trento na Itália, convocada pelo Papa Paulo III. Buscava-se reorganizar a Igreja Católica e combater o crescimento do protestantismo à época. Conhecida como a Contra Reforma, durou 18 anos para se findar, tendo decisões que reverberam até os dias de hoje) entre elas estão os sacramentos. Portanto, o discurso ortodoxo dos sacramentos tem por base a Bíblia, mas também influências de outras vozes sociais.

A Igreja acredita que os argumentos, a respeito do sacramento, são irrefutáveis. Tais argumentos baseiam-se em três princípios: a crença dos séculos; o bom-senso e o Evangelho.

O primeiro argumento da crença popular desta verdade parece remontar ao século V, quando até mesmos os hereges, como os monofisitas e os nestorianos, aceitavam o número dos sete sacramentos. Em textos deles é explícito o número de sete sacramentos, recebidos da Igreja Romana (...) É apenas argumento de conveniência, é certo, mas este argumento tem o seu valor pela analogia perfeita que estabelece entre as leis da vida natural e as leis da vida sobrenatural (...) Estarão expressos no Evangelho os sete sacramentos? Perfeitamente! O que muitos não conseguem entender é que Jesus não citou o número de 7, mas citou os sacramentos. (PAROQUIA IMACULADA CONCEIÇÃO DA VILA REZENDE, 2018).

O discurso construído pela Igreja tem base dialógica, tanto com textos que não estão no cânone, quanto no diálogo com a Escritura Sagrada. Portanto, o discurso ortodoxo da Igreja Católica não se limita a Escritura Sagrada.

Outra divergência de Menocchio com a Igreja se dava justamente pela imposição dos sacramentos, como podemos observar, e mais uma vez percebemos a presença da *polêmica clara*. Os juízes quando lhe interrogava, o moleiro era enfático na sua posição contra os sacramentos. Vejamos o que Menocchio verbalizou sobre os sacramentos, conforme (GINZBURG, 2006, p. 42, grifo nosso).

Acho que a lei e os mandamentos da Igreja são só mercadorias e que se deve viver acima disso”. Sobre o *batismo* comentou: “Acho que, quando nascemos, já estamos batizados, porque Deus, que abençoa todas as coisas, já nos batizou. O batismo e uma invenção dos padres, que começam a nos comer a alma antes do nascimento e vão continuar comendo-a até depois da morte”. Sobre a *crisma*: “Acho que é uma mercadoria, invenção dos homens; todos os homens tem o Espírito Santo e buscam saber tudo e não sabem nada”. Sobre o *casamento*: “Não foi feito por Deus, mas sim pelos homens; antes, homens e mulheres faziam troca de promessas e isso era suficiente depois apareceram essas invenções dos homens”. Sobre a *ordenação*: “Acho que o Espírito Santo está em todo mundo, [...] e acho que qualquer um que tenha estudado pode ser sacerdote, sem ter que ser sagrado, porque tudo isso é mercadoria”. Sobre a *extrema-unção*: “Acho que não é nada, não vale nada, porque se unge o corpo, mas o espírito não pode ser ungido”. Geralmente se referia à *confissão* dizendo: “Ir se confessar com padres ou frades é a mesma coisa que falar com uma árvore.

Menocchio nega, praticamente, todos os sacramentos que fazem parte dos dogmas católicos. Nesse diálogo, com os inquisidores, o moleiro posiciona-se de forma que, sua atitude responsiva é clara e evidente, sua posição no diálogo é estabelecida.

É no diálogo real que esta alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente; os enunciados dos interlocutores (parceiros do diálogo), a que chamamos de réplicas, alternam-se regularmente nele. O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. (BAKHTIN, 1997, p. 230)

Para Menocchio, os sacramentos nada mais são do que mercadorias, negócios (comércio) criado pela Igreja para arrecadar dinheiro e manter o católico preso as amarras dogmáticas da fé católica.

Mas sabe-se que muito cedo os grupos anabatistas⁶ italianos chegaram a recusar também o batismo, bem como todos os outros sacramentos,

⁶Anabatistas: grupo religioso que surgiu durante a Reforma Protestante. Com ideias mais radicais, era combatido tanto pelos católicos quanto pelos luteranos.

admitindo além disso um batismo espiritual, baseado na regeneração interior do indivíduo. Menocchio, por sua conta, considerava o batismo absolutamente inútil: ‘Acho que, quando nascemos, já estamos batizados, porque Deus, que abençoa todas as coisas, já nos batizou (...)’ (GINZBURG, 2006, p. 53).

Assim, como Menocchio, vários foram os que discordavam da forma como a Igreja propagava sua doutrina, grupos heréticos insurgiam. Logo, é bem viável que os anabatistas pudera ter tido influência na elaboração do discurso menocchiano. Pois, uma coisa é notória, o moleiro se interessava muito pelas ideias que confrontavam a fé católica. Logo, não é estranho, confirmar, que grupos heréticos o fascinavam. Percebemos, portanto, vozes sociais que, de certa forma, colaboraram para a construção de um discurso heterodoxo e que tal discurso ecoava por toda à comunidade na qual vivia Menocchio.

E com os grupos heréticos, a Igreja se posicionou de forma firme. Surge O Tribunal do Santo Ofício, conhecido como a Inquisição. Criado no século XIII e que se estendeu até o século XIX, visava coibir qualquer prática contrária a doutrina ensinada pela Igreja. Os inquisidores tornaram-se *persona non grata* para muitos, e salvadores de almas para outros. Há muita controversa em relação aos métodos usados pela inquisição. Enquanto tem aqueles que maculam a Igreja por tal ato, há quem defenda, acreditando que tenha sido um mal “necessário”.

Podemos imaginar que seja um tanto paradoxal, torturar ou queimar as pessoas na famosa fogueira da inquisição, ao mesmo tempo que aclamavam o nome de Deus utilizando de métodos questionáveis. Vejamos o que Gonzaga diz (1993, p. 19) afirma a respeito.

Os tribunais de fé, é inegável, foram violentos, usaram métodos processuais e penais que consideramos reprováveis; levaram efetivamente a padecimentos e à morte multidões de pessoas, somente porque elas ousavam ter suas convicções. Tudo isso nos causa a nós, hoje, forte repulsa. Como então conciliar, eis a questão, tanta prepotência e tanta maldade com a suave figura de Jesus de Nazaré.

Nesse sentido, é importante que saibamos que a inquisição foi instaurado em outro tempo, com mentalidades moldadas de acordo com a cultura que se apresentava. A inquisição é filha do seu tempo, portanto a intolerância, o não aceitar o diferente, enfim o exercício da alteridade não era uma prática viável. Nesse ponto de vista, fica claro que, muito provavelmente, as atitudes tomadas pela Igreja não era

visto como algo abominável pelo seus. O que percebemos é que a prática de perseguições a cultos religiosos não surge com a inquisição. É algo, infelizmente, presente na história da humanidade. Como dito anteriormente, os cristãos também foram perseguidos ao deixar de seguir o judaísmo. Gonzaga (1993, p. 61) evoca: “Começamos pela Roma pagã, que torturou, espoliou e massacró incontável número de cristãos, pelo só fato de serem cristãos”. Enfim, vemos que o discurso ortodoxo da Igreja Católica, foi sendo construindo e aperfeiçoado de acordo com as circunstâncias (Contra Reforma) e tendo como base a tríade, que compõe a fé católica.

No século de XVI, momento da história em que se vivia um clima pesado com relação a questão da fé, em que a Reforma protestante crescia e ganhava adeptos, e que a Inquisição perseguia o “diferente”, Menocchio não escapou dos olhares da Santa Inquisição, pois tanto blasfemava contra a Igreja, como estava de posse de alguns livros proibidos pela Inquisição. Nos relatos de Menocchio em um dos processos inquisitoriais disse que: “E assim eu disse que blasfemar não é pecado porque não faz mal a ninguém”. (GINZBURG, 2006, p. 79). A Igreja teria, portanto, que eliminar os heterodoxos para o bem do povo.

Extirpando os hereges e os blasfemos, contava-se atrair as bênçãos do céu. Isto é, admitido que a tolerância ante tais pecados poderia acarretar padecimentos para o povo, cabia à autoridade pública o dever de evitá-los, mediante o sacrifício dos culpados. (GONZAGA, 1993, p. 81).

Enfim, a Igreja preserva até os dias de hoje os sacramentos que foram debatidos e discutidos no Concílio de Trento. O Papa João Paulo II, quando do lançamento do livro sobre a Inquisição, pelo Vaticano em 2004, se retratou e pediu desculpas pelos excessos cometidos pela Inquisição, reforçando o que já houvera dito em 2000. Pedindo desculpas pelos “erros cometidos a serviço da verdade por meio do uso de métodos que não têm relação com a palavra do Senhor”.

2.2 O discurso heterodoxo do personagem Menocchio

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento (...) (GINZBURG, 2006, p. 37).

Proferidas essas palavras, Menocchio em seu discurso dialoga com o discurso que está na Escritura Sagrada, no livro de Gênesis, sobre a origem do universo. Aqui, ele nega toda e qualquer influência de Deus na criação do mundo, abjurando, dessa forma, o discurso da Igreja sobre a origem do universo. Acreditando, ele, que o universo tenha sido originado a partir de um Caos. Fica perceptível as duas vezes no enunciado de Menocchio, nesse sentido há uma *polêmica velada* na fala do personagem, ou seja, ao construir sua opinião sobre a origem do universo, o moleiro levou em conta um discurso já existente, porém não cita-o em nenhum momento, não há uma divergência de forma explícita, haja vista que Menocchio não menciona a Bíblia.

O dialogismo, como diz Fiorin (2017) não é apenas um diálogo face à face, não se limita apenas a isso. O que vemos com a *polêmica velada* é mais uma forma de diálogo, em que um enunciado pode se valer de outro para negar o primeiro, sem necessariamente ter que mencioná-lo, e dessa forma compõe o seu discurso. “A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 193).

Vamos listar alguns livros que foram citados tanto no primeiro processo em 1584, quanto no segundo processo em 1599 e tentar compreender como Menocchio conjecturou suas ideias a partir dessas leituras. (1) Uma Bíblia em língua vulgar⁷; (2) Il Fioretto della Bibbia (crônica medieval); (3) Il Lucidario della Madonna (de Alberto da Castello); (4) Il Lucendario de santi (de Jacopo da Varagine); (5) Historia del Giudicio (poema anônimo do século XV); (6) Il cavallier Zuanne de Mandavilla; (7) Il sogno dil Caravia (datado de 1541). Já no segundo processo temos: (1) Il Supplimento delle cronache (de Jacopo Filippo Foresti); (2) “Lunario al modo di Italia calculato composto nella città di Pesaro dal ecc^{mo} dottore Marino Camilo de Leonardis”; (3) Decameron (de Boccaccio); (4) Alcorão.

A cosmogonia menocchiana chamava muito atenção pelas suas particularidades, e como ele as defendia, e não seria possível todas aquelas ideias terem surgido simplesmente do nada. Vejamos, primeiro, como ele teria formulado a sua tese sobre a origem do universo, o Caos.

Menocchio, respondendo a um dos muitos interrogatórios, deixou escapar que

⁷ Alguns autores dos livros mencionados não foram citados por não haver registro na obra.

lera alguma coisa sobre o Caos no livro intitulado *Fioretto della Bibbia*. Este pode ser é um indício de que pode estar nesse livro sobre as ideias da criação do mundo que Menocchio defendera. Ginzburg nos presenteia com alguns fragmentos dos livros ora citados, que para ele, é de grande importância que saibamos do que cada livro fala. E, em o *Fioretto della Bibbia*, embora Menocchio dissesse que teria lido algo sobre o Caos nesse livro, não há nenhuma menção a tal palavra, porém o que podemos destacar é que em um dos trechos transcritos por Ginzburg, no capítulo IV do *Fioretto*, há uma ênfase na parte em que Deus se utilizou de quatro elementos para criar o homem. Mencionado na obra como a “doutrina dos quatro elementos”.

Como está dito, Deus no princípio fez uma grande matéria, a qual não tinha forma, nem feição, e fez tanta que podia dali tirar ou fazer o que quisesse; dividiu-a e distribuiu-a e dela retirou o homem formado pelos quatro elementos. (GINZBURG, 2006, p. 96).

Talvez, o moleiro possa ter compreendido essa “grande matéria” como um Caos e que a partir desse momento o universo fosse tomando forma, de modo que esses quatro elementos que formaram o homem, dois deles, poderiam ser, *o queijo e os vermes*, metáfora usada por Menocchio para explicar a criação do universo. Portanto, a relação dialógica entre a obra – *Fioretto della Bibbia* – e o discurso do moleiro é pertinente em que Menocchio.

Outro livro que Menocchio tivera acesso e que possivelmente contribuiu para construção de suas ideias em oposição a Igreja foi *Supplimento delle cronache*, um presente que recebera de Tomaso Mero, mas não sabemos o grau de intimidade dele com Menocchio. O livro de Jacopo Filippo Foresti, segundo Ginzburg, tem em seu início um relato sobre a criação do mundo, como podemos ver:

E está dito, no princípio Deus fez o céu e a terra: não que este existisse realmente, mas porque existia em potencial, para que depois se escrevesse que o céu fora feito; é como se, considerando as sementes de uma árvore, já falássemos em raiz, tronco, ramos, frutos e folhas: não que já existam, mas porque vão existir. E assim se diz que no princípio Deus fez o céu e a terra, quando a matéria do céu e da terra ainda estava fundida, mas, como estava certo de que seria o céu e a terra, tal matéria já foi chamada de céu e terra. Essa forma enorme, sem figuras definidas, foi chamada por Ovídio, no início de seu livro mais volumoso, e também por alguns filósofos, de Caos, o qual Ovídio menciona nesse mesmo livro, dizendo: ‘Antes da terra, do mar, do céu que tudo cobre, a natureza era uma massa que os filósofos chamavam Caos, uma grande e indigesta matéria: e não era mais do que uma massa incerta e inerte reunindo num mesmo círculo, e as sementes discordantes de coisas não bem combinadas’. (GINZBURG, 2006, p. 96).

Foresti, ao explicar a criação do mundo, cita um livro escrito por Ovídio, este resume em Caos, tudo o que Foresti falou. Então, pela primeira vez a palavra nos aparece, e que certamente fez Menocchio refletir sobre o que seria esse Caos, o qual resultaria na criação do mundo. Segundo Bakhtin “não há palavra sem dono”, logo as palavras escolhidas por Menocchio para explicar a origem do mundo ecoam de um livro que tivera ganhado. Essa relação com a leitura fez Menocchio ser uma pessoa singular em seu tempo. Graças a micro-história que nos possibilita ter acesso a fatos desde os seus pormenores, conseguimos adentrar nesse universo paralelo dos anônimos, que têm histórias fascinante.

O fator dialógico na fala do personagem cresce, à medida que vamos analisando o discurso e identificando que não há neutralidade na sua fala, e percebemos sua intenção no seu discurso recheado de outras vozes que dialogam constantemente.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. (BAKHTIN, 1988 *apud* Fiorin, 2017, p. 21)

Nesse sentido, fica evidente que na relação dialógica há uma simbiose entre os enunciados, o que foi dito pelo enunciador reflete algo já dito em um outro momento, e é nesse jogo de enunciados em que se estabelece o dialogismo, em consequência, o enunciatário reflete e refrata o Outro na sua atitude responsiva. É na alteridade, essa relação com o Outro, que nós indivíduos naturalmente dialógicos, nos constituímos como sujeitos.

Voltemos à Menocchio. Sua fala, agora começa a tomar sentido, e começamos a enxergar a influência da leitura na construção do seu discurso. Todavia, resta um questionamento: em que/quem o moleiro teria se inspirado para usar os signos *queijo/vermes* para explicar a origem do mundo? Entendemos que encontraremos a resposta no livro que não fora citado nos processos, se trata da Divina Comédia. Segundo Ginzburg (2006, p. 101) há uma passagem que diz “...vermes, nascidos para formar angélica borboleta”, e continua “Angélica, isto é, divina, tendo sido criada por Deus para preencher os lugares que os anjos negros

perderam, expulsos do céu”. A Divina Comédia de Dante Alighieri não foi citada em nenhum momento, seja no primeiro ou no segundo processo sofrido por Menocchio. Entretanto, o que nos leva a crer que o moleiro tenha tido contato com o livro, foi que em uma de suas confissões aos inquisidores, o moleiro defende sua cosmogonia “E esse Deus fez depois Adão e Eva e o povo em multidão para *preencher os lugares dos anjos expulsos*”. Ginzburg (2006, p. 101). Se compararmos o final dessa frase com a citação que está no livro Divina Comédia, percebemos a semelhança entre as duas. Certamente, Menocchio tivera lido o livro de Dante, o que de alguma forma pode ecoar palavras semelhantes para constituir o seu discurso heterodoxo.

Outro termo que fora usado por Menocchio para explicar a criação do mundo foi “coagulação”. Menocchio tenta explicar aos seus conterrâneos como o universo se originou, para isso usa palavras que nos remete, a criação humana, a uma geração espontânea, o que mais uma vez contradiz a Igreja, que acredita fielmente no que está escrito no livro de Gênesis, sobre a origem do universo. O *Fioretto della Bibbia* traz em seu conteúdo palavras como *vermes*, *queijo*, substância, matéria, etc. são palavras que Menocchio repete reiteradamente para verbalizar suas opiniões. Um dos conterrâneos de Menocchio, Povoledo, relatou que um de seus amigos tivera ouvido o moleiro dissertar a respeito da sua cosmogonia e que Menocchio tivera dito o seguinte:

Eu ouvi ele dizer que no princípio este mundo era nada, que a água do mar foi batida como a espuma e se coagulou como o queijo, do qual nasceu uma infinidade de vermes; esses vermes se tornaram homens, dos quais o mais potente e sábio foi Deus e os outros lhe dedicaram obediência ... (GINZBURG, 2006, p. 97)

Percebemos que Menocchio usa, agora, a palavra “coagulou” e que podemos identificar que, provavelmente, não foi criação de sua cabeça, mas que, certamente, ele tivera conhecimento do mito indiano que

mencionado já nos Veda, a origem do cosmo é explicada pela coagulação - semelhante a do leite - das águas do mar primordial, batidas pelos deuses criadores. Segundo os calmuços, no início dos tempos, as águas do mar se cobriram de uma camada sólida, como a que se forma sobre o leite, de onde saíram plantas, animais, homens e deuses. (GINZBURG, 2006, p. 103).

Percebemos um diálogo entre *textos* e *contextos* diferentes, mas que não se destoam quando o assunto é a criação do mundo, e Menocchio os utiliza como exemplos que lhe dão suporte para defender suas teses e, nesse sentido, faz aparecer

a relação dialógica entre o discurso heterodoxo, a negação a uma doutrina Católica, e o mito indiano, ou seja, em um único discurso menocchiano aparece outros enunciados, “Igreja” e “mito indiano”, outras vozes que se relacionam entre si, caracterizando o que Bakhtin chama de dialogismo.

O dialogismo não é apenas a referência de um texto a outro, mas as relações (dialógicas) que se dão entre uma voz ou outra, estejam essas vozes expressas em um mesmo texto ou em diferentes textos, estejam essas vozes nos diálogos face a face do cotidiano ou em amplos diálogos que se estabelecem, marcadas ou veladamente, entre vozes e ideias que interagem, por meio de sujeitos que as enunciam, no fio da história. (MACIEL, 2016, 583).

Podemos constatar na fala do personagem a “polêmica velada”, embora só a voz do personagem esteja explícita, tem outras vozes dita no não dito. Esse entrecruzamento de ideias de um moleiro que usa o termo *coagulação* para explicar a origem do universo, nos remete a um mito indiano sobre a criação do mundo, e que contrapõe-se a Igreja Católica reforçando o que Fiorin (2017) conceitua de “polêmica velada”, ou seja, esse confronto de vozes que não, necessariamente, aparecem de forma explícita.

No século XVI, período em que Menocchio conflitava-se com suas opiniões contrárias à Igreja, e em que suas leituras o ajudava cada vez mais a discordar dos dogmas católicos, ele tem acesso a um livro, sem registro na obra do título, de autor anônimo, que relata os acontecimentos além mar, provavelmente retratando a descoberta do “novo mundo”. E o que nos chama atenção são duas palavras que aparece no texto, *queijo e leite*, o que só corrobora para acreditarmos na influência desse livro na construção do discurso desse personagem. Selecionamos para análise um trecho do capítulo intitulado *O ser de um mundo novo, encontrado no mar oceânico, belo e delicioso*⁸ (GINZBURG, 2006, p. 134-135).

Navegantes do Mar Oceano acharam
há pouco tempo um divinal país,
um país jamais visto nem ouvido ...

Num primeiro momento, nos é apresentado as terras encontradas além mar, como algo extraordinário, maravilhoso, sublime, e que nunca houve relatos sobre este

⁸ Tradução nossa.

país. Agora, nesse outro excerto, vemos claramente a menção as palavras *queijo* e *leite*.

Uma montanha de queijo ralado
se vê sozinha em meio da planura,
e um caldeirão puseram-lhe no cimo ...
Um rio de leite nasce de uma grotta
e corre pelo meio do país (...)

Mais uma vez, as palavras que Menocchio utiliza para defender a criação do mundo aparece em outro texto que circulava à época. Portanto, Menocchio apropria-se de palavras e expressões para defender sua tese que para muitos seria absurda, até porque vivia-se um momento de perseguição aos considerados hereges, e que os ensinamentos cristãos da Igreja católica se sobressaíam.

Essa relação com os livros e a cultura popular, “elemento decisivo e um estrato comum de tradições, mitos, aspirações, transmitidos oralmente através das gerações” (GINZBURG, 2006, p. 179), motivaram Menocchio a refletir sobre novas ideias e doutrinas as quais passou a seguir e defendê-las. Dono de um pensamento complexo, que muitas vezes se contradizia diante dos inquisidores (ou não, talvez estivesse querendo livra-se da fogueira), o moleiro incomodou a Igreja, fazendo esta instituição abrir dois processos inquisitórios (1584 e 1599) contra o mesmo. Embora, em alguns interrogatórios, Menocchio tentasse omitir quem lhe ensinara tais ideias ou que livros ele tivera acesso para refletir sobre temas tão pertinentes. Assim dizia Menocchio: “Há mais ou menos quinze ou dezesseis anos tenho essa opinião, quando comecei a pensar e o diabo me meteu tal ideia na cabeça”. (GINZBURGO, 2006, p. 57-58); “mas as outras coisas que eu disse sobre o caos eu tirei da minha própria cabeça”. (ib idem, p. 89), é nítido que, tanto os livros quanto a cultura popular tiveram influência direta na construção do seu discurso heterodoxo. Segundo Ginzburg (2006, p. 104), o discurso de Menocchio “envolve não só uma reação filtrada pela página escrita, mas também um resíduo irreduzível de cultura oral”.

2.3 Dialogismo: os ecos dialógicos na fala de Menocchio

O conceito a respeito do dialogismo discutido ao longo deste trabalho, com opiniões de autores como Brait (1994); Bakhtin 2006); Fiorin (2017) entre outros que

se debruçam a estudar o tema e que, portanto, têm autoridade para falar e explicar quando o assunto são as influências de outras vozes no nosso discurso. O personagem central da obra *O queijo e os vermes*, Menocchio, é um belo exemplo de como essa forma dialógica vai constituindo o discurso, como também a importância do Outro nessa relação. Nesse sentido, vamos analisar outras falas de Menocchio, mostrando os ecos dialógicos que perpassam na sua fala, fazendo referência aos livros, citados anteriormente.

Ao longo desse trabalho, percebemos várias divergências de Menocchio com relação a doutrina católica, que por muitos anos foi a autoridade central quando o assunto era religião. Uma de suas críticas, como vimos, era em relação as leis da Igreja, criticando-as como mercadorias. Essas críticas, em grande parte, se dava pela forma como ele lia e refletia os textos, analisando-os de forma isolada, omitindo o contexto. Relembremos uma das falas de Menocchio quando ele faz tais críticas. “Acho que a lei e os mandamentos da Igreja são só mercadorias e que se deve viver acima disso” (GINZBURG, 2006, p. 42). Se Bakhtin afirma que não existe palavra sem dono, logo, a palavra *mercadoria* possivelmente possa ter ecoado de um livro intitulado *Il sogno di Caravia*. É interessante que um dos personagens que faz a crítica é São Pedro, vejamos:

*Mercado fazem de enterrar os mortos,
como fardos de lã ou de pimenta:
nestas coisas estão sempre avisados
e não querem defunto receber
sem antes ter na mão todo o dinheiro;
depois vão-se a comer e beber, rindo
de quem arcou com toda essa despesa,
vão gozar boa cama e mesa gorda.
Mercado de importância inda maior
fazem eles da Igreja que foi minha,
tirando para si toda a abundância
sem importar-lhes quem sofra carestia.
isso, a meu ver, usança é das piores,
fazer da minha Igreja mercancia
o beato quem mais tenha benefícios
dizendo pouca missa e raro officio.*

Há uma crítica forte ao fato da Igreja fazer comércio usando o nome de Deus, e cobrando praticamente tudo, inclusive para enterrar defunto. Se valendo dessas palavras, Menocchio adaptou ao contexto em que vivia, e via na Igreja descrita no livro a mesma que ele frequentava, nesse sentido não poupou palavras para criticar a instituição da qual fazia parte. Fazendo uma reflexão do excerto acima, percebemos a crítica ao mais alto escalão da Igreja, por ser conivente com tais atos. “E me parece que na nossa lei o papa, os cardeais, os padres são tão grandes e ricos, que tudo pertence a Igreja e aos padres. Eles arruínam os pobres (...)” (GINZBURG, 2006, p. 50). Dois trechos do texto citado ecoam nas críticas de Menocchio, são eles: “depois vão-se a comer e beber, rindo de quem arcou com toda essa despesa” e “tirando para si toda a abundância sem importar-lhes quem sofra carestia.” É dura a crítica que Pedro faz aos homens que constituem a Igreja, tirando proveito dos cargos que ocupam, os padres, frades e os demais que fazem parte da instituição religiosa se corrompem e esquece da real missão que Deus deixou como legado. “O beato quem mais tenha benefícios dizendo pouca missa e raro ofício”, ou seja, pouco trabalho, poucas práticas cristãs, e muita corrupção. Portanto, para Menocchio, os sacramentos eram meras mercadorias para oprimir os mais pobres.

Uma “polêmica clara” foi instalada a partir do momento em que Menocchio se posiciona com relação a uma pergunta do vigário-geral: “*Acho que amar o próximo é um preceito mais importante do que amar a Deus*”. (GINZBURG, 2006, p. 77). Pode parecer loucura, mas Menocchio negara, nesse momento, um dos principais mandamentos ensinado por Jesus que é “amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo”. Menocchio não chegou a tal conclusão sem ter tido uma grande reflexão de algo que possa ter lido. Mas, que texto influenciara tanto o moleiro a negar o primeiro mandamento de Deus?

Dos vários excertos que Carlo Ginzburg traz em seu livro, “O queijo e os vermes”, podemos reconhecer, a partir do fragmento do livro intitulado *Historia del Giudicio*, o porquê da negação de Menocchio ao mandamento de Deus, como constatamos a seguir (GINZBURG, 2006, p. 77-78):

*Ó vós que abençoados por meu pai
fostes, vinde minha glória possuir:
eu de sede e de fome padeci,
vós me destes de beber e de comer,*

*na prisão eu sofri grande tormento
 e fostes vós quem sempre veio ver-me;
 estive enfermo e visitado fui,
 e, morto, vós me destes sepultura.
 E estando todos cheios de alegria,
 virão a Jesus Cristo perguntar:
 “Quando, Senhor, de fome padecendo,
 te demos de comer e de beber?
 e quando enfermo foste visitado
 e, morto, te viemos sepultar?
 quando foi que em prisão te visitamos,
 e quando te trouxemos vestimenta?”
 Cristo responderá de rosto ledo:
 “Aquele pobre que de porta em porta
 morto de fome, aflito e derrotado
 por meu amor vinha pedir esmola,
 não foi por vós expulso nem xingado,
 mas comeu e bebeu do que era vosso,
 aquele a quem destes por amor de Deus,
 aquele pobre, sabeis agora, era eu”.
 Da esquerda então hão de querer falar
 mas Deus os calará com grão furor
 dizendo: “Pecadores de maus feitos,
 queimai no inferno em sempiterno ardor.
 Não me destes de beber nem de comer
 nem bem fizeste por amor de mim.
 Ide, malditos, para o fogo eterno,
 onde tereis tormento sempiterno”.
 Responderá aquela gente aflita:
 “Quando, Senhor, foi que jamais te vimos
 morto de fome, aflito e sofredor,
 quando em prisão passaste tantas penas?”
 Então responderá Cristo glorioso:
 “Quando ao pobre expulsáveis com desprezo,
 sem do mísero ter qualquer piedade,
 nem lhe fazer nenhuma caridade”.*

Numa releitura sem grande aprofundamento, Menocchio interpreta o texto de uma maneira equivocada. O texto aborda a questão mais humanitária de Deus, ressaltando que os cristãos tem que, também, tratar os mais humildes com isonomia,

prestando caridade, sem desprezo, com piedade, são essas as atitudes que os aproximam de Deus. Porém, Menocchio, retira frases isoladas e as interpreta sem analisar o contexto. Quando o moleiro lê que, o pobre que passava por dificuldades era Deus, e aquele que não prestar solidariedade ao outro será castigado, irá para o inferno, Menocchio chega à conclusão de que amar o próximo, amar aquele com o qual temos contato diariamente é mais importante do que amar a Deus, pois acreditava que, “Deus fosse o próximo, porque disse ‘Eu era aquele pobre’”. (GINZBURG, 2006, p. 77). Menocchio insistia “numa religiosidade prática, efetiva, comum a quase todos os grupos heréticos italianos da época.” (ibidem p. 79). Sempre defendendo uma religião mais simples e sem as várias interferências realizadas pela Igreja.

A atitude responsiva ao texto lido por Menocchio, o possibilitou conjecturar a ideia de que amar o próximo é mais importante do que amar a Deus. O diálogo travado com outras leituras deu ao moleiro uma carga de conhecimento, embora muitas vezes distorcida do contexto, lhe dava o suporte para se digladiar com os inquisidores.

Quando aborda-se o termo dialogismo, ressaltando as atitudes dialógicas, não quer dizer que necessariamente, as partes, envolvidas nesse processo, sempre entram em consenso. Ficamos tentados a acreditar que numa relação dialógica o enunciário ou o enunciador irão comungar da mesma opinião pelo fato de haver o diálogo. O dialogismo se dá nos embates ideológicos em que, cada enunciado vai se constituindo em relação ao outro, portanto, o enunciado de Menocchio contra os sacramentos da Igreja só se constitui em contraposição porque já existe um discurso legitimado pela Igreja Católica pontuando o que são e quantos são os sacramentos.

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação, ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. (FIORIN, 2017, p. 28)

Quando Menocchio se impõe aos inquisidores mostrando sua indignação com as teses defendidas pelos frades, padres, vigários e o Papa, a mensagem transmitida pelo moleiro não é apenas destinada a eles, mas ao que Bakhtin chama de *superdestinatário*, nesse caso, a Igreja. Bakhtin defende que as opiniões específicas, individuais, como as de Menocchio, são pontos de vista que já foram elaboradas, ou

seja, socialmente construídos, portanto, “todo enunciado se dirige não somente a um destinatário imediato (...)” (FIORIN, 2017, p. 31), mas, a um superdestinatário.

O autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. (BAKHTIN, 2000, *apud* Assis e Bulhões, 2015, p. 146).

Nesse sentido, quando Menocchio, por exemplo, critica o uso das imagens de santos ou acredita que o universo tenha sido originado de um Caos, acredita-se que seu superdestinatário, após uma crítica consciente, é a Igreja ou a Escritura Sagrada. As opiniões que foram construídas socialmente, leia-se as doutrinas da Igreja, dão legitimidade a atitude responsiva de Menocchio de não concordar com o *status quo*.

Analisando outra fala do personagem há mais indícios que suas ideias foram forjadas pela influência de livros que tivera oportunidade de ler. Menocchio, quando participava do primeiro interrogatório (1584) não acreditava na virgindade de Maria, para ele a mãe de Jesus “era chamada de virgem porque estivera no templo das virgens. Existia um templo onde doze virgens eram mantidas e, à medida que eram preparadas, se casavam (...)” (GINZBURG, 2006, p. 73). Menocchio leu algo parecido no livro intitulado *Lucidario della Madonna*, como ele mesmo havia dito. Segundo Ginzburg (2006, p. 73), “esse livro, que em outra situação disse ser o *Rosário*, tem grande probabilidade de ser o *Rosário della gloriosa Vergine Maria*, do dominicano Alberto da Castello”. Nesse livro, Menocchio pudera ler o seguinte:

Contempla aqui, alma fervorosa, como, depois de oferecer o sacrifício a Deus e ao sacerdote, são Joaquim e Sant’Ana deixaram sua dulcíssima filhinha no templo de Deus, onde deveria ser preparada com as outras virgens, que eram oferecidas a Deus. Nesse lugar, ela vivia em contemplação das coisas divinas, em sublime devoção, e era visitada pelos santos anjos, sendo sua rainha e imperatriz, sempre em oração. (GINZBURG, 2006, p. 73)

Menocchio deu ênfase a essa passagem do livro, segundo Ginzburg (2006), por perceber várias afirmações que relatam a visita de Maria ao templo “representadas nos afrescos pintados em 1556 por Calderari, um discípulo de Pondenone, nas paredes da Igreja de San Rocco de Montereale.” (ibidem, p. 73).

Como em muitas oportunidades, Menocchio interpretava os textos dando outros significados. Segundo Ginzburg (2006, p. 73), “a aparição dos anjos isolava Maria das companheiras, conferindo-lhe uma aura sobrenatural”, porém, Menocchio,

via diferente, o que interessava para ele eram as “outras virgens”, o que de certa forma servia para ele explicar o que defendia, ou seja, que Maria era chamada de virgem porque estava no templo das virgens.

Em outro momento, já falamos sobre a “polêmica clara” e “polêmica velada”, expressões que Fiorin pega emprestadas de Bakhtin e as adequada. Haja vista que Bakhtin ao invés de citar “polêmica clara”, cita “polêmica aberta” em seus estudos, e a define como “a tomada da fala do outro como objeto de refutação” (BAKHTIN, 1997 *apud* Veloso, 2011, p. 1601). Fiorin (2017) para mostrar outras formas de como o processo dialógico pode acontecer trabalha as expressões ora citadas. Nesse sentido, o dialogismo é visto como uma forma composicional, entendido como “...maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso” (FIORIN, 2017, p. 37). Portanto, há a incorporação de outras vozes no discurso, as vozes alheias. É o discurso bivocal em que as vozes não se apresentam de uma maneira transparente, a divisão das falas não está abertamente explicitado, é o que Fiorin (2017) chama de discurso *alheio* não demarcado.

Nesse caso, não temos demarcações nítidas entre as vozes. Elas misturam-se, mas apesar disso, são claramente percebidas. Por isso, diz-se que as palavras são bivocais. (FIORIN, 2017, p. 42).

O livro de Mandavilla, sem dúvida exerceu enorme admiração em Menocchio, pelo fato de abordar temas variados, como penitência, uso de imagens, padres, culturas diferentes e, entre outros temas, aborda também a religião de Maomé. “Fascínio ainda maior deve ter exercido sobre Menocchio a longa exposição de Mandeville acerca da religião de Maomé.” (GINZBURG, 2006, p. 84). Certamente, Menocchio defendia doutrinas que ia ao encontro da religião mulçumana influenciado pela escrita de Mandeville. Menocchio, no diálogo com os inquisidores disse: “Minha dúvida é [...] que não tivesse sido Deus, mas um profeta qualquer, um homem de bem, que Deus mandou pregar neste mundo”. (GINZBURG, 2006, p. 85). Assim estava escrito no processo encontrado por Ginzburg, quando os analisava. Mas essa fala de Menocchio ecoa um trecho que está escrito no livro de Mandeville, que segundo ele (Mandeville), estava escrito no Alcorão que “entre todos os profetas, Jesus foi o mais excelente e o mais próximo de Deus” (GINZBURG, 2006, p. 85). Mais uma vez, Menocchio interpreta de acordo com suas convicções, rebaixando Jesus a um profeta, negando a divindade de Cristo.

Na construção discursiva de Menocchio há duas vozes, uma explícita e outra implícita. Quando isso acontece estamos diante de uma “polêmica velada” em que a bivocalidade não está claramente demarcada, pois para entendermos a negação de Menocchio à divindade de Jesus, temos que está ciente que existe outro discurso que serve de base à Menocchio, com o qual ele dialoga. Um discurso que está implícito, mas que ecoa a partir da sua enunciação, ou seja, é uma maneira de refutar o discurso da Igreja. Sua crítica à Igreja, ao comportamento daqueles que compunha o Magistério da Igreja e se diziam seguidores de Deus, ganhava legitimidade nos escritos de Mandeville

Eles [os cristãos] deveriam dar exemplo fazendo o bem as pessoas comuns, deveriam ir ao templo e servir a Deus, e estão o dia todo girogirando pelas tavernas, bebendo, comendo como animais [...]. Eles deveriam ser simples e humildes, mansos e caridosos como foi Jesus no qual eles creem, mas fazem o contrário, o inverso, e são todos inclinados para o mal, e tanta é a cobiça, a avareza que por pouco dinheiro vendem os filhos, irmãs e as próprias mulheres como meretrizes; roubam um a mulher do outro, não se mantem na fé, não respeitando a lei que Jesus Cristo deixou para eles se salvarem (...) (GINZBURG, 2006, p. 85-86).

Portanto, ao se deparar com uma crítica tão forte à Igreja e aos cristãos, Menocchio relaciona o que lê ao que vê, como consequência formula um discurso de crítica a cristandade, legitimado nas leituras que fizera.

As várias leituras que Menocchio teve acesso deu, ao moleiro, a possibilidade de confrontar ideias e desenvolver suas próprias teses que confrontava a Igreja. Essas leituras o constitui como um sujeito, para os olhares da Igreja, herético. Vejamos o diálogo entre o inquisidor e Menocchio, em que podemos perceber os ecos dialógicos que ao longo do tempo fora construído pelo moleiro, seja pelos livros que leu, pela cultura que o influenciará ou contatos que mantivera com pessoas mais letradas.

INQUISIDOR: Poder e querer são a mesma coisa para Deus?

MENOCCHIO: São distintas, assim como são para nós: quando existe o querer, é preciso que exista o poder para fazer alguma coisa. Por exemplo, o carpinteiro, se quiser fazer um banco, precisa de instrumentos para poder fazê-lo e, se não tiver a madeira, sua vontade é inútil. O mesmo dizemos sobre Deus; além do querer, é preciso o poder.

INQUISIDOR: Qual é o poder de Deus?

MENOCCHIO: Operar através de trabalhadores. (GINZBURG, 2006, p. 99-100).

É perceptível que Menocchio não quer reconhecer Deus como um ser divino, com poderes ilimitados. Bem, se Deus é onisciente e onipotente, logo, tudo pode fazer, basta querer, porém Menocchio coloca Deus no mesmo patamar que os mortais, que muitas vezes querem fazer algo, mas não podem. Ele dá o exemplo do carpinteiro que por mais que queira fazer algo, se não disponibilizar de materiais, não poderá colocar em prática seu querer. Nesse ponto de vista, Menocchio compara Deus ao carpinteiro, ou seja, nem sempre, Deus, pode fazer o que quer, atribuindo a Deus limitações humanas.

INQUISIDOR: Os anjos, que para o senhor são ministros de Deus na criação do mundo, foram feitos diretamente por Deus, ou então por quem?

MENOCCHIO: Foram produzidos pela natureza, a partir da mais perfeita substância do mundo, assim como os vermes nascem do queijo, e quando apareceram receberam vontade, intelecto e memória de Deus, que os abençoou.

INQUISIDOR: Poderia Deus fazer todas as coisas sozinho, sem a ajuda dos anjos?

MENOCCHIO: Sim; assim como alguém que constrói uma casa usa trabalhadores e ajudantes mas se diz que fez tudo sozinho, Deus, na criação do mundo, usou os anjos, mas se diz que foi Deus quem o fez. E, da mesma forma que aquele construtor poderia ter feito sua casa sozinho, mas levaria mais tempo, Deus poderia ter construído o mundo sozinho, mas em muito mais tempo.

INQUISIDOR: Se não tivesse existido a substância da qual foram produzidos todos os anjos, se não tivesse existido o caos, Deus teria podido fazer toda a máquina do mundo sozinho?

MENOCCHIO: Eu acredito que não se possa fazer nada sem matéria e Deus também não poderia ter feito coisa alguma sem matéria (GINZBURG, 2006, p. 100).

Mais uma vez, Menocchio mostra dificuldades em confirmar a divindade de Deus, sempre relativizando suas respostas, não admite que Deus tenha criado o universo. Como podemos ver, traz à tona sua cosmogonia de que o universo teria sido originado do Caos, ecos de leituras já discutida em outros momentos. Usando a metáfora dos “vermes” e “queijos”, o moleiro se mostra bastante confiante nas suas respostas, momento que ressoam outras vozes, a exemplo de: “Expressarem-se conjuntamente, de, nos limites de uma mesma e única construção, ouvirem-se ressoar as entoações de duas vozes” (Bakhtin, 2006, 181). Nesse jogo dialógico, Menocchio nega que Deus tenha criado o universo sozinho, contrariando a Escritura Sagrada, ressaltando a colaboração dos anjos nesse processo. A cada resposta de Menocchio fica evidente que as influências que tivera foram fatores decisivos na construção do seu discurso heterodoxo e na constituição do sujeito herético.

INQUISIDOR: Aquele espírito ou anjo supremo, pelo senhor chamado de Espírito Santo, é da mesma natureza e essência de Deus?

MENOCCHIO: Deus e os anjos são da mesma essência do caos, mas diferentes em perfeição, porque a substância de Deus é mais perfeita e não é a mesma do Espírito Santo, sendo Deus a luz mais perfeita; o mesmo digo de Cristo, que é de substância inferior a de Deus e a do Espírito Santo.

INQUISIDOR: O Espírito Santo é tão poderoso quanto Deus? E Cristo também é tão poderoso quanto Deus e o Espírito Santo?

MENOCCHIO: O Espírito Santo não é tão poderoso quanto Deus e nem Cristo é tão poderoso quanto Deus e o Espírito Santo.

INQUISIDOR: Aquele que o senhor chama de Deus foi feito, produzido por alguém?

MENOCCHIO: Não foi produzido por outros, mas recebe seu movimento das mudanças do caos e vai da imperfeição à perfeição.

INQUISIDOR: E o caos, quem o move?"

MENOCCHIO: Ele se move sozinho." (GINZBURG, 2006, p. 98-101).

Diferentemente da Igreja que acredita que Deus, Jesus e o Espírito Santo possuem a mesma essência, Menocchio não acredita nessa tese. Para o moleiro há uma hierarquia na trindade, assim cada um tem sua importância. Para a Igreja Deus, Jesus e Espírito Santo, a Santíssima Trindade, não é algo que precisa ser explicado, mas apenas aceito, é o que chamam de "mistério da fé". Menocchio põe em dúvida essa concepção monoteísta da fé quando, em mais uma "polemica clara", coloca Jesus inferior a Deus e ao Espírito Santo, seriam deuses, portanto uma religião politeísta. E de forma reiterada tenta desqualificar Deus, acreditando que o Caos tivera participação essencial para o seu desenvolvimento, porém a Igreja acredita que Deus não tem princípio nem fim, sempre existiu, não precisando de nada para que pudesse se desenvolver. Então, ao dirigir-se ao destinatário (inquisidores), Menocchio explicita um dos princípios que constitui um enunciado, que é verbalizar para alguém. Nesse sentido,

este destinatário pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana, pode ser o conjunto diferenciado de especialistas em alguma área especializada da comunicação cultural, pode ser o auditório diferenciado dos contemporâneos, dos partidários, dos adversários e inimigos (...) (BAKHTIN, 1997, p. 180).

O processo dialógico leva-se em conta, segundo Bakhtin, o eu/outro como sendo peça chave na articulação dialógica do discurso. Esse Outro é quem dá a possibilidade da existência de atitudes responsivas, momento importante na manutenção do diálogo, em que leva em consideração a fala do outro para a construção do próximo enunciado. Além da fala do Outro, as influências de outras

vozes nos moldam como sujeitos históricos que hora concorda ou discorda no momento da interação verbal, e nessa hora, vem todo o discurso constitutivo, ou seja, vozes sociais que assimilamos na nossa vida, através dessa inter-relação dialógica.

Menocchio foi um sujeito que se constituiu a partir das relações sociais da qual estava inserido, ou seja, “o indivíduo se constitui em relação ao outro”. (FIORIN, 2017, p. 60). O fator cultural seja ela na escrita ou na oralidade deram a Menocchio a possibilidade de dialogar com seu mundo interior. Acredito que a *dialética histórica*⁹ de Hegel, serve para exemplificar as ideias de Menocchio. Existia uma Tese – da criação do universo por Deus – aceita e defendida pela Igreja. Menocchio, a partir das leituras que fizera e o contato com pessoas mais instruídas, possibilitou ao moleiro questionar a regra vigente, ou seja, a antítese. E a partir desse embate surge a síntese, que é a cosmogonia menocchiana, isto é, o discurso heterodoxo de Menocchio que carrega em si a relação dialógica sofrida nesse embate.

Nesse sentido Menocchio constitui-se discursivamente, ou seja,

o sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênia o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. (FIORIN, 2017, p. 61)

Fiorin (2017) entende que a incorporação de outras vozes no nosso discurso se dá de forma bem variada, isto é, vozes que constituíram-se com maior ou menor grau de responsabilidade dentro de uma sociedade. “Há aquelas que são incorporadas como voz de autoridade (...), e por isso, são impermeáveis, resistentes (...). A voz de autoridade pode ser a voz da Igreja (...)”. (FIORIN, 2017, p. 61).

Por enfrentar uma voz resistente a mudanças, que não estava aberta ao diálogo, Menocchio, ao pensar diferente da autoridade, se viu numa situação que já não tinha mais jeito, sua condenação era inevitável. Seu confronto com a Igreja possibilitou que surgisse leituras de mundo diferentes, em especial no tocante à religião. A autoridade (Igreja) não se curvou as ideias de Menocchio, não deixou ser

⁹ *dialética histórica*: a dialética seria uma forma de diálogo que contrapõe ideias, teses, conceitos e que fazem surgir novas ideias. Hegel (1770-1831), filósofo alemão, trabalha com o conceito de *dialética histórica*, ou seja, o confronto entre Tese (ideia aceita), antítese (a negação da Tese) e a síntese (resultado do confronto entre Tese e Antítese). Ou seja, é no embate dessas ideias que a história caminha permanentemente.

persuadida pelo discurso menocchiano, haja vista que as vozes das autoridades são resistíveis a mudanças. Porém, o moleiro, que não é autoridade, absorveu vozes que o persuadiram, como pudemos constatar em outros momentos. Assim, passamos a conhecer suas ideias, que certamente tivera toda uma atmosfera que contribuiu na construção do seu discurso. “Outras vozes são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas” (FIORIN, 2017, p. 61) que “abrem-se incessantemente à mudanças”. (ib idem, p. 61). Nesse sentido, Menocchio estava disposto a aceitar outras leituras que mudassem suas opiniões e foi o que aconteceu, mas isso teve um preço caríssimo, a sua vida. “Resistir a pressões tão fortes era impossível e depois de pouco tempo Menocchio foi executado.” (GINZBURG, 2006, p. 192).

Considerações finais

Ao analisarmos a obra, *O queijo e os vermes*, em especial a fala do seu personagem principal, Menocchio, constatamos que o seu discurso denuncia outras vozes, não é um discurso original, mas que permeia outras falas que se entrecruzam nesse complexo jogo dialógico. Esclarecemos a importância que a micro-história tem para narrar fatos e eventos históricos, destacando aspectos cruciais para se conhecer o sujeito que faz parte e constrói a história. Nesse ponto de vista, o método escolhido pelo historiador Carlos Ginzburg, para analisar a vida de um simples moleiro, foi crucial para obtermos as informações necessárias para confrontá-las com o conceito bakhtiniano, o dialogismo. Ademais, entendemos que as falas ora analisadas, à luz do aspecto dialógico infere que há vozes sociais e elementos da cultura popular no discurso menocchiano.

O aspecto cultural fortemente marcado na fala de Menocchio é visualizado através da lenda medieval dos três anéis, mostrando a influência de histórias que vão passando de geração e geração. Adaptando ao contexto que vivia, Menocchio soube fazer ressignificações do que lia e ouvia, o que de certa forma foi visto como uma afronta pela Igreja católica. Assim, o aspecto cultural contribuiu de forma consistente na construção de um discurso heterodoxo em que confrontava de forma incisiva as doutrinas da Igreja.

As vozes sociais, perpassadas na fala do personagem, foi de fundamental importância para que Menocchio pudesse construir seu discurso heterodoxo. Ficou evidente no seu discurso as vozes alheias, que moldaram a sua opinião. Podemos comprovar nossa hipótese, de que os livros e amigos mais instruídos, haja vista Nicola, foram responsáveis direto para que Menocchio arquitetasse seu discurso. A partir da análise de alguns excertos tirados de livros que Menocchio tivera acesso é perceptível a convergência de ideias daquilo que Menocchio falava para o que estava escrito nas literaturas.

Ademais, ficou perceptível no processo dialógico a polêmica clara e velada, forma composicional do dialogismo que evidencia duas vozes, exemplificado quando Menocchio confrontava suas ideias com as dos inquisidores. “Cercado” por essa estrutura dialógica foi possível entender de que forma o personagem construiu seu discurso, a partir da reflexão dos conceitos sobre dialogismo, vozes sociais, micro-história e cultura popular.

Entendido tais conceitos, fica evidente que o dialogismo contribui de forma significativa para entendermos a importância do Outro para o funcionamento real do diálogo. Aqui, entenda o Outro não somente como um sujeito, mas pode ser um livro, uma pintura, imagem, vozes sociais, ou seja, discurso socialmente já construído que, quando o *eu* depara-se com o *Outro*, e faz uma leitura daquilo que viu ou ouviu, internalizando o enunciado transmitido, haverá uma atitude responsiva, caracterizando a concretização do diálogo, seja de forma convergente ou divergente. Todavia, segundo Peytard, 1995 *apud* Cordeiro Junior (2008, p. 38) “A relação dialógica se manifesta a partir do momento em que uma troca é realizada, [...] no momento em que percebemos no enunciado ‘a voz do outro’”.

Portanto, as vozes sociais exerceram um papel importante na construção do discurso menocchiano: os vários livros que conseguiu ler, a cultura a qual estava inserido e o contato com outras pessoas deram, a Menocchio, elementos dialógicos para divergir da Igreja

Referências Bibliográficas

ASSIS, Ângelo de; BULHÕES, Marcelo. Dialogismo de Bakhtin no jornalismo econômico brasileiro. **Estudo em jornalismo e mídia**, UFSC, Florianópolis – SC. Vol. 12, n.1, p. 138-152, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p138>> Acesso em: Agosto de 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. (VOLOCHÍNOV, Valentín Nikoláievitch). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In.: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Editora edusp, 1994, p. 1-9.

BEZERRA, Paulo. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In.: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz. (Orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 11-27.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Editora contexto, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Micro-História e Outros Ensaios**. Lisboa: Difel, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GONZAGA, João Bernardino Garcia. **A Inquisição em seu mundo**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

GUERIOS, Alexsander João. **Os Annales e a micro-História: um viés historiográfico pelas obras do historiador italiano Carlos Ginzburg**. 2011. 44f. Monografia (graduação). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

JUANA, Álvaro de. **Fotos: assim ficaram as importantes catacumbas de Roma depois da restauração**. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/fotos-assim-ficaram-as-importantes_catacumbas-de-roma-depois-da-restauracao-30503> Acesso em: Setembro de 2018.

JUNIOR, Jussaty Luciano Cordeiro. **O imbricamento entre vozes e ecos da cultura popular e da cultura erudita: Um estudo sobre o dialogismo na obra *O queijo e os vermes* de Carlo Ginzburg**. 2008. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

KRIEGER, Murilo. **Você conhece o fundamento de sua fé**. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/voce-conhece-o-fundamento-da-sua-fe/>> Acesso em: Agosto de 2018.

LEÃO, Carlos Alberto, **Consustanciação: é nisso que cremos?** Disponível em: <<http://itinerariodeumluterano.blogspot.com/2016/05/consustanciacao-e-nisto-que-cremos.html>> Acesso em: Agosto de 2018.

LEITE, Francisco Benedito. Mikhael Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. **Revista Magistro**. UNIGRANRIO, Duque de Caxias (RJ), v.1, n. 1, 2011, p. 43-63. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1240/741>.>

Acesso: Setembro 2018.

LEVI, Giovane. **A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2006.

LIMA, Vanderlei de. **Eucaristia e Transubstanciação**. Disponível em: <<http://cnbbleste1.org.br/2016/05/eucaristia-e-transubstanciacao/>.> Acesso em: Agosto de 2018.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. **Diferenças entra dialogismo e polifonia**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 2016, p. 580-601.

MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão do Discurso Alheio e Formas de Dialogismo em Vidas Secas, de Graciliano Ramos. In.: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2005, p. 235-245.

MELO, José Radamés Benevides de. **VOZES SOCIAIS EM CONSTRUÇÃO: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais**. 2017. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Araraquara.

PAROQUIA IMACULADA CONCEIÇÃO DA VILA REZENDE. O que é um sacramento? (Autoria desconhecida). Disponível em: http://www.catequisar.com.br/dw/apostilas/crisma/01c_sacramento.pdf. Acesso em: Agosto de 2018.

SILVA, Edson Santos e LIMA, Wallas Jerfferson. O percurso da micro-história italiana: Propostas, Perspectivas e Singularidades. **Revista História**. UEG, Anápolis, v.2, n.2, p. 194-199, jul./dez. 2013. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/download/2123/1541.> Acesso em: Setembro de 2018.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In.: BRAIT, Beth. (Org). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 167-185.

VELOSO, Simone Ribeiro de Avila. Polêmicas discursivas e réplicas dialógicas: refrações reveladoras de posicionamentos discursivos. In.: **Estudos linguísticos**, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. (USP). Set-dez 2011, p. 1597-1609. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1282>.> Acesso em: Agosto de 2018.